

Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924)

Valéria Guimarães¹

*“Unissez la lumière de l’Europe au soleil de l’Amérique.
C’est au nom de la France que je vous glorifie!”*
Victor Hugo, 1860

A incipiente imprensa francesa cedo encontra espaço no Brasil, surgindo vinte anos depois da liberação dos presos pela ação de imigrantes que formavam verdadeiros enclaves franco-brasileiros, criados em plena era da consolidação da nova nação. Atuavam tanto em títulos nacionais como naqueles das colônias francesas aqui instaladas, colocando em xeque uma aparente homogeneidade cultural. É contra a artificialidade do conceito de nação e tudo o que implica a transitoriedade dessas identidades “imaginadas”,² fluidas, instáveis, feitas de empréstimos, recusas, adaptações, que a pesquisa das conexões transnacionais, com suas trocas e mediações (institucionais ou pessoais), tenta responder com a busca da complexidade, desconstruindo o pretensamente unívoco. As condições históricas que possibilitaram tais combinações apresentavam-se de maneira mais acabada na crescente urbanização, no aumento da imigração e na boa recepção da cultura francesa, fatores que, seguramente, formavam uma conjuntura favorável.

O primeiro periódico em francês no Brasil de que se tem notícia é de 1827, *L’Indépendant: feuille de commerce, politique et littéraire*,³ logo sucedido, no mesmo

¹ Esta pesquisa está sendo realizada com apoio da FAPESP – Projeto Jovem Pesquisador (<jfb.franca.unesp.br>) – e do CNPq – Projeto Transfopress Brasil (<transfopressbrasil.franca.unesp.br>).

² ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Temas, v. 9).

³ O jornal era impresso na tipografia de Pierre René François Plancher de la Noé (França, 1779-1844), jornalista e bonapartista exilado no Brasil em 1823. Segundo Hallewell, a escolha do Brasil se deu por várias razões, entre elas o fato de ser um regime liberal (a esta altura já um tradicional refúgio de bonapartistas) e por ter um significativo mercado de impressos cujo “comércio de livros existente estava nas mãos dos franceses”. Ele imprimiu vários livros em francês, inglês e português,

ano, pelo *L'Écho de l'Amérique du Sud*.⁴ Rebatendo o possível estranhamento do leitor ao ver um título totalmente publicado em língua estrangeira em meio à minguada produção nacional, seu editor, M. Jourdan, justificava a iniciativa afirmando que outros países como Inglaterra, Alemanha, Itália, Holanda, Estados Unidos, Argentina e mesmo outros de terras mais distantes, como o Oriente Médio, também possuíam jornais nessa língua. Para ele, o Rio de Janeiro era uma “verdadeira metrópole da América do Sul [...] onde se vê um concurso prodigioso de estrangeiros de todos os países cujo único meio de comunicação intelectual é o francês; [...] [e] onde toda pessoa cujo espírito recebeu alguma cultura fala ou ao menos entende e lê o francês”,⁵ o que tornaria seu jornal viável. A imprensa francófona brasileira nasce, assim, com inclinação cosmopolita e transnacional.

Predominaram as publicações de curtíssima duração até meados do século XIX, entre um a três anos. Por esse motivo este artigo tem como objetivo apresentar um panorama da imprensa francesa publicada no Brasil a partir de 1854 até 1924, período em que tais publicações encontraram um impulso mais significativo. Dos títulos que compulsamos, alguns ainda eram de confecção bastante precária e artesanal, mas já havia outros relativamente longevos e robustos. A maioria tinha conteúdo informativo e apresentava pouca ilustração, com algumas exceções, como o *Ba-ta-clan: chinoiserie franco-brésilienne* (1867-1871). Quanto à circulação, não foi possível precisar a tiragem da maior parte dos periódicos consultados. Uma exceção é *La Petite Revue*, que, em 1902, anunciava a publicação de quatro mil exemplares. Em geral, são periódicos voltados para a comunidade francesa no Brasil e seus interesses (diplomáticos, financeiros, políticos e culturais).

Porém, textos e anúncios em francês, mas também em português ou inglês, mostram que os leitores dos jornais franco-brasileiros poderiam ser de origem

entre eles a *Constituição do Império do Brasil*, almanaques, guias e jornais, sendo o mais famoso o *Jornal do Commercio*. HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005. p. 141.

⁴ Editado por E. Sévène.

⁵ No original: “[...] Rio de Janeiro, véritable métropole de l'Amérique du Sud [...] où l'on voit un concours prodigieux d'Étrangers de tous les Pays dont le seul moyen de communication intellectuelle est le français; [...] où le toute personne dont l'esprit a reçu quelque culture, parle ou du moins entend et lit le français?” (L'INDÉPENDANT: feuille de commerce, politique et littéraire. Rio de Janeiro, n. 1, p. 1, abr. 1827).

mais variada. É possível supor que fossem acessíveis a um público leitor mais vasto, como destacava M. Jourdan, uma vez que o francês era a língua franca até pelo menos a Primeira Guerra, garantindo aos periódicos nesse idioma um certo êxito.

Neste breve panorama que nos propomos apresentar, pretendemos conjecturar acerca da cronologia desses periódicos, tentar saber os motivos que levaram à publicação dos mesmos no Brasil, descobrir quais eram os tipos de jornais e revistas existentes (se tinham cunho político, literário ou informativo, ou ainda se reuniam várias dessas atribuições) e, como objetivo principal, tentar entender o papel exercido pelos mediadores nessas redes transnacionais.

Isso posto, adotaremos os procedimentos básicos⁶ que nos fazem melhor conhecer as publicações, levando em conta os novos desafios suscitados pelo acesso às fontes digitalizadas. Além da caracterização do suporte (dimensões, formato, diagramação, periodicidade, circulação etc.), da análise de seu conteúdo (tema, estrutura, recursos gráficos etc.), pretendemos apurar quem são os editores, colaboradores e os grupos por eles representados, bem como as relações estabelecidas entre estes e os brasileiros; e, *at last but not least*, levantar hipóteses sobre seus possíveis leitores.

Importante lembrarmos que temos à frente uma nova realidade de pesquisa propiciada pelos avanços tecnológicos. À facilidade de leitura de grandes quantidades de periódicos digitalizados opõem-se alguns inconvenientes, como a dificuldade de ler e organizar um *corpus* tão vasto e a impossibilidade de averiguar alguns aspectos morfológicos (tamanho, volume, tipo de papel). Assim, o habitual recorte metodológico, com a seleção de certos tipos de temas e/ou rubricas ou artigos relativos ao tema da pesquisa, deve ser ainda mais preciso.⁷

Como nossa intenção é primeiramente dar uma vista panorâmica do *corpus*, vamos nos ater nessa fase a uma descrição mais geral do mesmo, destacando alguns títulos, e deixaremos para outra oportunidade uma análise que se dedique mais ao papel exercido pelos mediadores, muito embora algumas de nossas descobertas nesse sentido estejam contempladas aqui.

⁶ KAYSER, J. *Le quotidien français*. 2.ed. Paris: Librairie Armand Colin, 1963.

⁷ SOULET, J.F. *L'histoire immédiate: historiographie, sources et méthodes*. Paris: Armand Colin, 2009.

A ERA DE OURO DA IMPRENSA FRANCESA NO BRASIL

Começamos, pois, com a cronologia. Tomemos como parâmetro o eixo editorial Rio-São Paulo, o mais dinâmico no Brasil de então. Estabelecemos como recorte temporal o período de 1854 a 1924, como expusemos acima, periodização que também obedece à lógica interna ditada pela natureza das fontes e que corresponde a um ápice de publicações, em número e importância, começando no Rio de Janeiro com o *Courrier du Brésil* (1854-1862) e terminando em São Paulo com o *Messenger de St. Paul* (1901-1924). É o que chamamos de “era de ouro” da imprensa francesa no Brasil.

Tal período corresponde à ascensão da imprensa comercial nacional e a possíveis trocas de *savoir-faire* entre os franceses e os brasileiros no âmbito da imprensa periódica. A atuação de franceses no ramo editorial, incluindo livreiros, jornalistas e tipógrafos, foi significativa em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, apesar de a migração para o Brasil nunca ter sido numerosa. Até houve incentivo oficial à vinda de franceses para colônias agrícolas já no início do século XIX, mas as experiências malogradas em decorrência do não cumprimento das promessas de boas condições de trabalho fizeram com que o governo francês lançasse a *Mise en garde du gouvernement français contre l'émigration* em 1859 e o *Décret officiel pour l'interdiction de l'émigration* em 1875. Tais medidas tiveram repercussão imediata no Brasil, restringindo o número desses imigrantes. Segundo país em presença francesa na América Latina, ficando atrás apenas da Argentina, o Brasil apresentou, no entanto, uma imigração muito tímida.⁸

A entrada dos franceses no Rio de Janeiro e em São Paulo foi espontânea, sem apoio oficial, e se restringiu a indivíduos, com algumas exceções, como no caso da Missão Francesa, muitas vezes obedecendo à lógica das diásporas políticas e das subsequentes crises econômicas em solo europeu. Os dados estatísticos são esparsos e imprecisos, mas nos dão uma ideia de quão pequeno foi o deslocamento. Em números para todo o Brasil, temos entre 1851-1900 o total de 12.604 franceses imigrados e, entre 1904-1933, 19.573. Neste último período entraram no país 353.018 italianos e 371.656 espanhóis, ou seja, uma quantidade muito superior à dos franceses. No espaço de cem anos, entre 1820 e 1920, temos apenas

⁸ Para dados estatísticos e análises, ver o livro: VIDAL, L.; LUCA, T. R. (Org.). *Franceses no Brasil: séculos XIX e XX*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. Especialmente a Introdução e os capítulos 2 e 3.

30.500 imigrantes franceses frente a 3.648.382 imigrantes em geral.⁹ Em São Paulo, entre 1872 e 1895, intervalo que inclui o fenômeno conhecido como a Grande Imigração, apenas 1,55% era de franceses contra 63,38% de italianos. Ainda nesse estado, foi registrada a entrada pelo porto de Santos de somente 1.922 franceses entre 1882 e 1891 e 1.415 franceses entre 1902 e 1930.¹⁰ No censo do Ministério das Relações Exteriores da França consta o número de 3.624 franceses vivendo no Brasil em 1911.

Ainda assim, o ramo editorial se beneficiou da vinda de alguns indivíduos e a atividade impressora nessas localidades foi altamente tributária dessas trocas culturais e tecnológicas. Nas cidades predominava um grupo qualificado que se engajou no trabalho urbano, sobretudo no comércio e em atividades como a tipografia, edição, educação, arte e também engenharia.

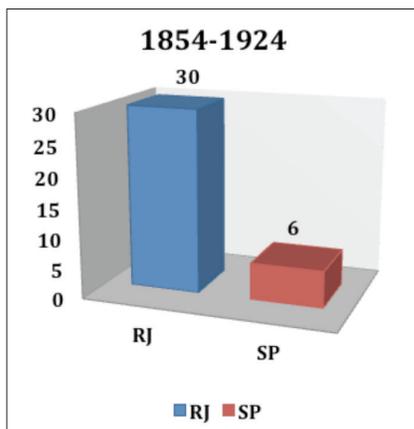
É para esses grupos que se voltavam, predominantemente, os jornais e as revistas franceses de publicação local. O caráter oficioso apresentado pela migração escassa fazia desses periódicos órgãos de utilidade pública, com a difusão de notícias sobre o Brasil para aqueles que aqui chegavam e com informações oficiais, burocráticas e de ordem prática, como ensaios sobre as características da sociedade brasileira, estatísticas demográficas, descrições do território e debates sobre as condições políticas e econômicas. A maior parte das folhas também trazia a discussão sobre notícias estrangeiras e não raro importavam as disputas provenientes de solo francês, alimentando a rivalidade entre os grupos locais. A cartela de anunciantes, por sua vez, ajudava esses indivíduos dispersos a se localizarem na cidade, conferindo um sentido de organicidade para a colônia. Alguns desses jornais e revistas eram vendidos no exterior e traziam informações para aqueles que pretendiam vir para o Brasil. Essas funções garantiam à maior parte desses impressos, portanto, sobrevivência e propósito. E em uma migração singular, sem apoio institucional, os franceses encontravam nesses periódicos a tribuna que lhes faltava.

⁹ LESSA, M.L.; SUPPO, H. R. A emigração proibida: o caso da França-Brasil entre 1875 e 1908. In: VIDAL, L.; LUCA, T. R. (Org.). *Franceses no Brasil: séculos XIX e XX*, p. 77.

¹⁰ MIALHE, J. L. A emigração francesa para o Brasil pelo porto de Bordeaux: séculos XIX e XX. In: VIDAL, L.; LUCA, T. R. (Org.). *Franceses no Brasil: séculos XIX e XX*. Especialmente a tabela da p. 61.

A cronologia que estabelecemos obedece aos fatores internos e externos expostos acima, que se traduzem no predomínio, no século XIX, de publicações no Rio de Janeiro, enquanto em São Paulo encontramos títulos apenas depois de 1887, quando ali aumenta o número de imigrantes franceses. O ciclo parece ter um ponto de inflexão em 1924, com o fim do *Messenger de St. Paul*. O próximo jornal francês de que temos notícia é publicado no Rio de Janeiro apenas a partir de 1952, *Le Journal Français du Brésil*,¹¹ traduzindo, assim, uma sensibilidade modernista ainda não presente nos jornais da fase em que trabalhamos. O Rio de Janeiro apresentou o maior número de publicações nessa língua no período do nosso recorte (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Periódicos (jornais e revistas) franceses publicados no Rio de Janeiro e em São Paulo entre 1854-1924. A maioria foi publicada no Rio de Janeiro.

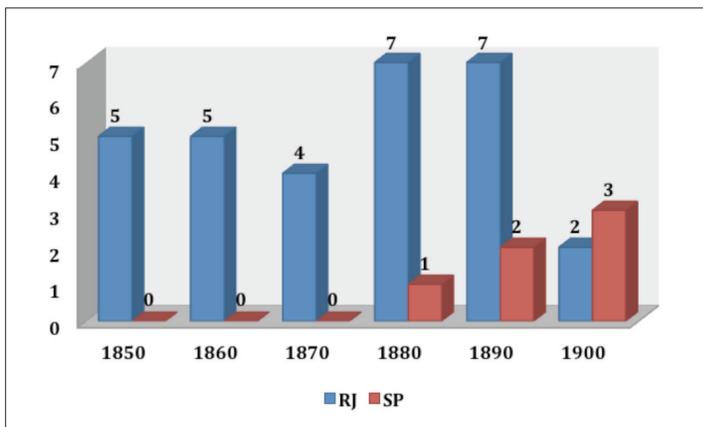


Dos trinta periódicos (jornais e revistas) franceses publicados no Rio de Janeiro entre 1854 e 1911, apenas dois começaram a ser editados no século XX. Em São Paulo, encontramos seis periódicos publicados em língua francesa já em fins do século XIX, após 1887: um na década de 80, dois títulos na década de 90 e os demais, no século XX (Gráfico 2). Apenas *Le Messenger de St. Paul* (1901-1924),

¹¹ De Luiz Aníbal Falcão e com redação de Roland Faure, reunia modernistas brasileiros e estrangeiros. É possível que haja outras publicações antes disso, mas é preciso mais pesquisa.

mais tarde intitulado *Le Messager de São Paulo*, teve publicação regular e extensa nessa cidade.¹²

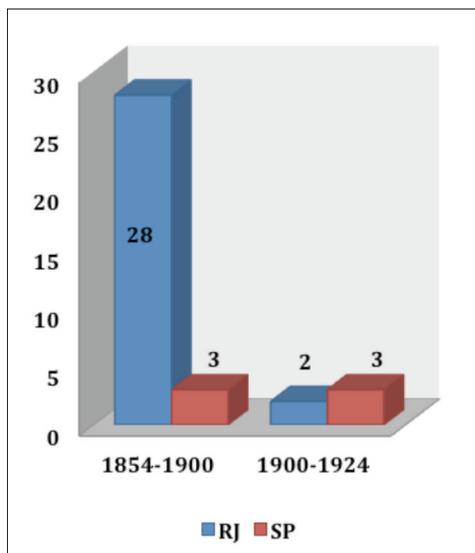
Gráfico 2 – Periódicos (jornais e revistas) franceses publicados no RJ e SP, divididos por décadas (datas de início da publicação). A produção paulistana tem início apenas na década de 1880, época em que ocorre o pico da produção do Rio de Janeiro.



De qualquer modo, é possível afirmar que a publicação de jornais franceses predomina no Rio de Janeiro no século XIX. E que São Paulo apresenta uma produção bem mais tímida e restrita à fase em que essa cidade conhece crescimento e a Grande Imigração, cujo ápice ocorreu na década de 1890 e teve efeitos nas décadas subsequentes (Gráfico 3).

¹² Este recorte é também um resultado das restrições que os acervos nos apresentam, sobretudo no que diz respeito à conservação do material.

Gráfico 3 – Periódicos (jornais e revistas) franceses publicados no RJ e SP, divididos em dois períodos correspondentes aos séculos XIX e XX: 1854-1900 e 1900-1924.



Enfim, para nosso panorama e limitados pelas dimensões de um artigo, descreveremos a seguir apenas alguns títulos escolhidos por sua importância e/ou pela facilidade de acesso às fontes, divididos por cidade e ordem cronológica de publicação.

FRANCESES NO RIO: PERIÓDICOS PARA TODOS OS GOSTOS

Courier du Brésil: politique – littérature – revue des théâtres – sciences et arts – industrie – commerce (1854-1862)¹³

O segundo número desse hebdomadário saiu no Rio de Janeiro em 15 de setembro de 1854, domingo, ao preço de três mil-réis. Ele era vendido na Livraria

¹³ A data de 1862 é a última que consta no acervo da Biblioteca Nacional do Brasil, não sabemos se foi o último ano da publicação desse jornal.

Pinto & Waldemar, rua do Ouvidor, n. 87, e a nota que abre o jornal explica que “os textos devem ser endereçados a M. Hubert”, para essa livraria, “onde se acha o *bureau* do jornal”.¹⁴

A rua do Ouvidor respondia pela predominância do comércio francês. Laurence Hallewell afirma que em 1862, “[...] de um total de 205 estabelecimentos, 93 pertenciam a franceses [...]”.¹⁵ Nessa rua estavam localizadas as mais importantes livrarias do país, muitas de propriedade de franceses. À primeira vista, nada sugere que o escritório da redação do *Courrier du Brésil* tenha relação direta com a colônia francesa.

No entanto, segundo o autor, a Livraria Waldemar, de propriedade de Frederico Waldemar, era a antiga livraria do francês Louis Mongie (morto em 1853), que mantinha ali um gabinete de leitura,¹⁶ e era ponto de encontro da intelectualidade da época, exaltado por Joaquim Manoel de Macedo em suas *Memórias da rua do Ouvidor*.¹⁷ A falta de leitores não desestimulou o livreiro,¹⁸ que abriu seu comércio na mais francesa das ruas cariocas em 1832: “A loja de livros de Mongie foi a mais considerável do seu tempo e ponto de reunião de sábios e de literatos, segura palestra animada, interessante e espirituosa, na qual o dono do estabelecimento era excelente e estimado companheiro”.¹⁹

Frederico Waldemar começou sua carreira na livraria desse francês, assumindo o negócio após sua morte, com o nome de Pinto & Waldemar. Em 1857

¹⁴ No original: “AVIS – Les communications doivent être adressés à M. Hubert rédacteur-gérant, à Librairie Pinto et Waldemar rue d’Ouvidor n. 87, où se trouve le bureau du journal”. (COURRIER DU BRÉSIL: politique – littérature – revue des théâtres – sciences et arts – industrie – commerce. Rio de Janeiro, p.1, 15 set. 1854).

¹⁵ HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*, p. 154.

¹⁶ *Ibid.*, p. 154.

¹⁷ “Após sua morte, a loja foi transferida para Pinto & Waldemar, uma firma que, em 1858, se tornou apenas F. L. Pinto & Cia., já que Frederico Waldemar havia adquirido sua própria loja J. Barboza & Irmão. Tanto Pinto quanto Barboza utilizavam o nome de Livraria Imperial, ‘fornecedores de S.M. o Imperador’”. (*Ibid.*, p. 154.)

¹⁸ “Em conversa com o amigo e compatriota Desmarais – cabeleireiro e perfumista que mantinha estabelecimento em frente à sua livraria – Mongie teria dito que ‘adornava as cabeças por dentro’ lamentando-se que o *coiffeur* teria ‘mais cabeças a ornar’ que ele. (MACEDO, J.M. *Memória da rua do Ouvidor*. Brasília: Senado Federal, 2005. Anexo I, p. 193.)

¹⁹ *Ibid.*, p. 193.

associa-se a Henrique José Aranha,²⁰ com quem abre a Livraria Waldemar & Aranha. Torna-se proprietário, em 1860, da Livraria Imperial (antiga Firmin Didot, livraria e editora francesa com filiais no Rio entre 1846 e 1869), também na rua do Ouvidor.²¹ Ou seja, F. Waldemar só muda de endereço²² e de francês, primeiro sucedendo Mongie, depois passando a representar Firmin Didot no Rio de Janeiro.

A antiga livraria de Mongie atravessou o século XIX mudando de nome e proprietário, mas sempre vendendo jornais franceses. Esse estabelecimento parece ter significado mais que um local de assinaturas de jornais estrangeiros e, sob a propriedade de F. Waldemar, é provável que tenha dado continuidade à tradição inaugurada com o gabinete de leitura mantido por seu antecessor. O livreiro brasileiro, como representante dos franceses com quem trabalhava, sem dúvida foi de suma importância tanto para a circulação como para a publicação de jornais estrangeiros no Brasil.

Sua atuação não se restringiu apenas a vender em suas livrarias títulos de periódicos importados. F. Waldemar ajudou a difundir a tímida imprensa francesa que evoluía ao lado do incipiente jornalismo nacional, servindo-lhe de modelo e inspiração. Mas, para além de modelos, tão estandardizados quando falamos de imprensa, os jornais franceses publicados no Brasil ofereciam espaço prolífico de discussão, reunindo franceses e brasileiros em uma interação que se tornou parte da identidade dessa nação que se encontrava em busca de referências.²³

Prova disso parece ter sido o papel político exercido pelo *Courrier du Brésil* ao difundir os ideais revolucionários de um grupo de proscritos do governo de Napoleão III no Brasil, os chamados *quarante-huitards*. Adolphe Hubert, seu editor, era um dos exilados e fez da folha o órgão de representação do grupo reunido

²⁰ Litógrafo e gravador reconhecido, proprietário da Lithographia d'Aranha & Cia. Com Waldemar abriu a Lithographia Mercantil. (FERREIRA, O.C. *Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 390.)

²¹ *Ibid.*, p. 278.

²² Antes no número 81 dessa rua, passa ao 87, com a Livraria Imperial.

²³ Fenômeno este próprio das transferências culturais: “evidenciando a interação entre um contexto político e a constituição de um saber que se torna elemento de identidade nacional”. (ESPAGNE, M. Transferências culturais e história do livro. *Livro: revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia, SP: Ateliê Editorial/ NELE, ano 2, n. 2, p. 26, 2012.)

na chamada Sociedade Francesa de Socorros Mútuos, fundada em 1856, no Rio de Janeiro, dois anos após o surgimento do jornal.²⁴ Por outro lado, a relativa longevidade do *Courrier*, cerca de uma década, contribuiu para que fosse uma publicação acreditada na colônia francesa, mesmo que suas inclinações liberais (e até *demo-soc*) não tivessem tido pronta adesão entre os diversos grupos da colônia.²⁵ Foi esse caráter de local aglutinador de uma intelectualidade francófona e brasileira, com consequências para os debates locais, que lhe garantiram o *status* de um jornal importante para a imprensa nacional.

Entre os principais nomes do *Courrier du Brésil* estava o de um colaborador que se tornou célebre, mais ainda que o editor Ad. Hubert: Charles Ribeyrolles. “Uni a luz da Europa ao sol da América. É em nome da França que vos exalto!”²⁶ Com essas palavras, escritas em uma carta aos brasileiros em 1860, o famoso escritor francês Victor Hugo exortava a união dos dois países. A carta vinha em agradecimento à acolhida de um amigo seu, francês, pelos brasileiros. Era ele justamente Charles Ribeyrolles, também proscrito da Primavera dos Povos de 1848, que difundia os ideais revolucionários nos trópicos, colaborava com o combativo jornal francês *La Réforme* e escrevera a obra *Brésil pittoresque*. Traduzido como *Brasil pitoresco: história – descrições – viagens – instituições – colonização*, o livro estampa na capa a chamada para o precioso *Álbum de vistas, panoramas, paisagens, costumes, etc., etc.* feito pelo francês então residente no Brasil Victor Frond, pintor e fotógrafo, seu amigo de exílio.²⁷ Ribeyrolles residia em Niterói, depois de ter morado na ilha de Jersey. Como exilado no Reino Unido, fundou em 1853 o jornal *L’Homme*, que concentrou a colaboração de vários nomes franceses e europeus, entre eles o próprio Victor Hugo.

²⁴ CANELAS, L.G. O *Courrier du Brésil* e o conflito entre associações francesas no Rio de Janeiro. In: VIDAL, L.; LUCA, T.R. (Org.). *Franceses no Brasil*, p. 294 e 301. A autora apresenta uma tabela de jornais franceses publicados no Brasil à p. 311.

²⁵ *Ibid.*, p. 294.

²⁶ No original: “Unissez la lumière de l’Europe au soleil de l’Amérique. C’est au nom de la France que je vous glorifie!”

²⁷ Sobre a carreira de fotógrafo, ver: STICKEL, E.J.S. *Uma pequena biblioteca particular: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil*. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial, 2004. p. 478. Para uma análise sobre parte das imagens de Frond, ver: BORGES, M.E.L. A escravidão em imagens no Brasil oitocentista. In: FURTADO, J.F. (Org.). *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica: Europa, América e África*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPG-UFMG: FAPEMIG, 2008. p. 319-344. (Coleção Olhares).

Ribeyrolles era o símbolo da ligação entre os continentes europeu e americano, concretizado no monumento erigido em sua homenagem em Niterói com recursos de uma subscrição aberta pela imprensa da época. Machado de Assis o tinha como amigo próximo e foi em 1859, em uma reunião com esses franceses com os quais simpatizava francamente,²⁸ que conheceu o livreiro francês Garnier.²⁹

Para completar o ciclo transnacional, exatos sete anos após a estreia do *Courrier* no Brasil, a edição de 15 de setembro de 1861 estampa na capa a chamada *Chronique Littéraire – desencantos – fantaisie dramatique par Machado de Assis*, em francês, peça que foi editada em português por Paula Brito nesse mesmo ano.³⁰

Esse hebdomadário domingueiro de oito páginas, com três colunas, que dava ampla cobertura aos assuntos franceses, com seções como “Littérature”, “Variété”, “Industrie et Commerce” ou mesmo nas crônicas sobre o “Rio de Janeiro” (em que assuntos locais eram colocados na perspectiva de seus interesses), logo encontra concorrência em dois outros jornais: o *L’Écho du Brésil et de l’Amérique du Sud* e o *Figaro Chroniqueur*, que começam a ser publicados, ambos, em 1859. Começamos apresentando o primeiro, editado por Altève Aumont. Afinal, apesar de durar apenas dois anos, foi uma folha de reconhecida importância na época.

L’Écho du Brésil et de l’Amérique du Sud (1859-1860)

Na edição de domingo, 1º de maio de 1859, o primeiro número de *L’Écho du Brésil et de l’Amérique du Sud* se apresenta como “Uma nova folha francesa” no Rio de Janeiro, na “sólida crença que podemos ser de alguma utilidade a nossos concidadãos no Brasil, ao próprio Brasil e às pessoas que se ocupam da América do Sul na Europa”.

Editado por Altève Aumont, o editorial se refere a seus congêneres: “Dois jornais franceses já são publicados no Rio de Janeiro e eles têm, sem dúvida,

²⁸ Entenda-se aqui esse novo liberalismo nascido após as revoluções de 48. Sobre o diálogo que Machado mantém com o universo da política estrangeira, sobretudo francesa, ver: BOSI, A. Um nó ideológico: notas sobre o enlace de perspectivas em Machado de Assis. *Escritos*: revista da Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, ano 2, n. 2, p. 7-34, 2008.

²⁹ MASSA, J.M. A França que nos legou Machado de Assis. In: MOTTA, S.V. (Org.). *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. p. 239-240.

³⁰ Não sabemos se antes ou depois de ter esse trecho publicado em francês.

sua utilidade [...]. Nós não nos colocamos como adversários de ninguém [...]. Tanto melhor se os interesses franceses no Brasil são defendidos por numerosos concorrentes”. Ele parece se opor ao tratamento de contendas francesas nos jornais publicados fora da França e cita Napoleão I: “É preciso lavar a roupa suja em família”.³¹

O discurso de “não intervenção nas questões políticas locais” é recorrente em jornais estrangeiros de todas as línguas e aparece também em *L'Écho*,³² bem como a intenção de ocupar um espaço de destaque na representação dos interesses marcadamente comerciais da colônia francesa do Rio de Janeiro.³³ A. Aumont chegou a enfatizar esse papel em um claro protesto contra a linha editorial do *Courrier du Brésil*, cuja representação de um grupo político era explícita e já havia causado polêmica com a antiga associação dos emigrados, a “Bienfaisance” ou Sociedade Francesa de Beneficência (fundada em 1836 com o apoio da embaixada da França no Rio de Janeiro),³⁴ trazendo cisões originadas em solo francês para Brasil.

O lema de *L'Écho* era conhecer melhor o país, “a nação hospitaleira à qual nós trouxemos nossos conhecimentos e produtos e que nos nutre e enriquece. Nosso jornal terá por política conceder um lugar especial – o primeiro – aos homens e às coisas do Império de d. Pedro II”. O tom era bem diverso daquele presente no *Courrier*, o que nos leva a deduzir que devia atrair a simpatia da parte da comunidade francesa que não se alinhava aos *quarante-huitards*. E, certamente, a antipatia do grupo em torno de Ad. Hubert, Ch. Ribeyrolles, V. Frond e outros.

Essa briga fica mais explícita nas páginas do próprio *Courrier*. A primeira a A. Aumont é bem irônica e data de 23 de maio de 1858, um ano antes de começar a publicar o *L'Écho*. O hebdomadário dá a notícia de que o paquete

³¹ L'ÉCHO DU BRÉSIL ET DE L'AMÉRIQUE DU SUD. Rio de Janeiro, 1 maio 1859.

³² «Pour tout dire, *L'Écho du Brésil* sera *l'Écho* de l'opinion générale, en n'oubliant jamais qu'il est français» (L'ÉCHO DU BRÉSIL ET DE L'AMÉRIQUE DU SUD. Rio de Janeiro, 1 maio 1859). Sobre essa questão, ver: BATALHA, C.H.M. Um socialista francês diante da escravidão no Brasil: Louis-Xavier de Ricard e o jornal *Le Sud-Américain*. In: VIDAL, L.; LUCA, T.R. (Org.). *Franceses no Brasil: séculos XIX e XX*.

³³ L'ÉCHO DU BRÉSIL ET DE L'AMÉRIQUE DU SUD. Rio de Janeiro, 1 maio 1859.

³⁴ Ver o site da instituição: Afranbe – <<http://www.afranbe.org.br>>.

inglês *Le Tyne* havia trazido “um distinto jornalista francês, M. Altève Aumont, que vem representar aqui uma revista publicada em Paris há alguns meses e que quer se ocupar do Brasil de uma maneira toda particular”. É a *Revue Brésilienne, Espagnole et Portugaise*, que passaria a ter uma crônica do mês sobre atualidades do Brasil, além de artigos especiais sobre colonização, agricultura, comércio, indústria, finanças, importação e exportação, “fazendo conhecer na Europa um país tão mal julgado e tão contraditoriamente apreciado pelo Velho Continente”. Porém, o *Courrier* se diz também temeroso do resultado de tal empreitada, não por duvidar da capacidade de seu redator, “que, nós sabemos, dirigiu com grande sucesso vários importantes jornais de Paris”, mas por suas opiniões políticas, “diferentes das nossas”.

Rápido, A. Aumont responde na edição seguinte do próprio *Courrier*, agradecendo os elogios, mas rebatendo as críticas às suas intenções e sublinha que “só dirá à Europa a verdade sobre o Brasil e ela [a *Revue Brésilienne*, como ele sucintamente se refere] evitará servir um partido em particular”. Acrescenta que seu objetivo era fazer a publicidade do governo de Pedro II na Europa para “multiplicar as relações e favorecer a imigração entre o Brasil e as nações europeias” e acaba questionando Ad. Hubert, o editor do *Courrier*, se suas posições eram, pois, diferentes. Hubert se retrata sumariamente: “Tanto melhor, ainda, se nós estamos enganados”.³⁵

A. Aumont, segundo o naturalista e pintor francês François Auguste Biard, viajante que fez com ele a travessia do Atlântico no *Tyne*, era um jovem “de fisionomia bondosa e inteligente”, que tinha sido enviado ao Brasil contra a vontade “como correspondente da *Revue des Races Latines*. Pobre Altève Aumont! Seria uma das próximas vítimas da febre amarela, que no ano passado arrebatou todos os meus amigos.”³⁶ A. Aumont também tinha sido correspondente do jornal *La Nation*, e encontramos referências a ele nos arquivos franceses como Altève-Aumont-Morand ou Altève-Morand-Aumont ou simplesmente Altève Aumont,

³⁵ COURRIER DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, 30 maio 1858.

³⁶ A amizade de Biard com Aumont sobrevive em terra firme. O jornalista é recebido por conhecidos no Rio de Janeiro e Biard vai para o mesmo hotel Ravaud, onde enfrentaram juntos instalações escuras e abafadas como “cárceres de Veneza”, os mosquitos e os percevejos (“dão-lhes o nome de *baratos*, no Brasil”), cumplicidade esta que, certamente, deve ter ajudado o estreitamento dos laços de estima entre ambos. Ver: BIARD, F. A. *Dois anos no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945. p. 11 e p. 28-30. (Coleção Brasileira – Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5, v. 244).

editor-chefe do jornal satírico *Triboulet* (1857), onde parece ter-se metido em confusão, segundo outro jornal satírico: *Rabelais* (1857).

As informações sobre A. Aumont são, pois, esparsas. Se foi enviado em missão oficial como correspondente ou obrigado a sair da França contra a vontade, provavelmente devido a problemas decorrentes de sua postura crítica, não é possível ter certeza. As únicas notícias recorrentes é que se tratava de um jornalista francês e que morrera de febre amarela pouco mais de dois anos após sua chegada ao Brasil, em 1860, com apenas 25 anos.³⁷

Em 21 de novembro de 1858, é o *Courrier* que nos dá mais pistas. Nessa época, o *L'Écho* ainda não tinha começado a ser publicado e Ad. Hubert parece nutrir uma boa impressão sobre A. Aumont. Ele afirma que as intenções do rapaz eram sérias, que estaria se dedicando ao aprendizado da língua e das coisas locais, pois “não queria falar a torto e a direito como acontece com todos os viajantes que passaram aqui e escreveram suas impressões”. Esclarece que a *Revue des Races Latines*,³⁸ da qual A. Aumont era correspondente, era a antiga *Revue Brésilienne, Espagnole et Portugaise*; que ele iria defender o Brasil, pois era objetivo dessa publicação representar as nações de origem latina “contra as de origem anglo-saxã, a França contra a Inglaterra, o Brasil contra os Estados Unidos”.³⁹ Ainda segundo Ad. Hubert, A. Aumont deveria enviar cerca de cem páginas por edição da revista que tinha muitos assinantes na França, Espanha, Portugal, Itália e Bélgica, e era lida pelo corpo diplomático desses países, sendo assinada por grandes companhias industriais e financeiras.

Na sequência, Hubert publica no *Courrier* uma série de quatro resenhas sobre a *Revue des Races Latines* feitas pela imprensa brasileira, “provenientes da

³⁷ Quem nos dá essa informação é um correspondente do *New York Times* no Brasil, identificado apenas como o Comandante (*Major*), que fornece notícias da corte e dá destaque para a morte deste que ele considerava “*the most brilliant writer*”. FROM RIO JANEIRO: Court Matters Naval and Shipping Intelligence Americans in Brazil Miscellaneous. *New York Times*. 21 abr. 1860. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1860/04/21/news/rio-janeiro-court-matters-naval-shipping-intelligence-americans-brazil.html>>. Acesso em: abr. 2016.

³⁸ A que o francês F. A. Biard se referiu.

³⁹ COURRIER DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, 21 nov. 1858.

redação desses jornais, e não de publicações *a pedido*⁴⁰ e traduzidas para o francês: *Jornal do Commercio*, *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Correio da Tarde*, todos destacando a inteligência de A. Aumont e a elegância de sua prosa. Hubert diz que a *Revue* tinha mais de 400 páginas⁴¹ e poderia ser assinada nos próprios escritórios do *Courrier du Brésil*, jornal que lhe dava grande espaço de divulgação, tendo sido anunciada com regularidade até 3 de julho de 1859.

Veja que o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* já estava sendo publicado desde maio desse mesmo ano. Enquanto as referências à parisiense *Revue des Races Latines* eram constantes e positivas, as referências a A. Aumont passam de inicialmente implicantes a simpáticas, como vimos. Porém, a partir de 17 de julho começam a aparecer as notas sobre o *L'Écho*, e as críticas tornam-se novamente bem desfavoráveis: “*L'Écho du Brésil*, muito volumoso para passar despercebido, é sem dúvida desprovido de argumentos...”. O texto assinado por Ad. Hubert acusa A. Aumont de ser presunçoso e, em tom impessoal, explicita seu rompimento com o jovem colega. Afirma que agora A. Aumont era um “outro homem”. Aquele “ao qual apresentou ao mundo dos livres pensadores, um M. Altève Aumont que se honrava do título de correspondente de *La Nation*, um dos jornais democráticos dos mais estimados da Europa” havia desaparecido para ele. E assim se referia com desdém: “Quanto ao outro personagem, nós o abandonamos a seus pequenos instintos”.

Ou seja, enquanto A. Aumont restringia-se a correspondente de periódicos franceses publicados em Paris que tratavam do Brasil, Ad. Hubert o tinha em consideração. Quando o jovem jornalista arrisca-se a publicar um jornal francês no Brasil, o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, cuja orientação política não se alinha àquela do grupo do *Courrier du Brésil*, passa a ser encarado como concorrente desleal, e a postura de Hubert muda completamente, criticando a nova empreitada do jovem Aumont e desqualificando suas intenções.

A amargura e o despeito de Hubert são explícitos, e ele passa a acusar diretamente Aumont de “agente bonapartista”. A partir de então, não aparecem mais anúncios da *Revue des Races Latines* nas páginas do *Courrier* e exatas 15 edições

⁴⁰ “A pedido” era a publicação paga, “feita a pedido de alguém”, ou seja, não tinha valor jornalístico e era expediente muito criticado, embora comum na nossa imprensa.

⁴¹ Na verdade, as edições superavam essa marca.

depois, em 30 de outubro de 1859, Charles Ribeyrolles publica uma réplica à crítica negativa que seu livro *Le Brésil Pittoresque* recebeu do *L'Écho*: “Nosso ilustre compatriota Ch. Ribeyrolles foi insultado por um agente bonapartista em um pequeno jornal, *L'Écho du Brésil...*”.⁴² O texto é longo e ainda inclui um trecho escrito por Victor Frond, além de uma observação final de Hubert, que chama Aumont de pérfido por ter acusado Ribeyrolles de possuir espírito demagógico, de ter tido proteção do governo brasileiro, classificando sua obra como de mau gosto. A discussão continua na edição seguinte e nas páginas de *L'Écho*, mostrando mais uma polêmica em que o grupo do *Courrier* se envolvia.

Assim, o surgimento do *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* no panorama da imprensa francesa publicada no Brasil vem marcado pela personalidade polêmica de seu editor, que logo reverbera nas páginas do maior órgão da comunidade francesa de então, o *Courrier du Brésil*. Os conflitos nacionais franceses são claramente o pano de fundo dessas rivalidades e ultrapassam as fronteiras hexagonais para se redimensionarem no contexto brasileiro.

Independente disso, o *L'Écho* cumpre com um extenso programa, com seções dedicadas ao Brasil, à América Latina, à Europa, mas também às colônias francesas no Oriente. Nem o *Courrier* tinha um programa tão abrangente, nem suas dimensões modestas faziam face à diagramação arejada e ao tratamento mais profissional dado às notícias do *Écho* em suas caudalosas edições domingueiras, que variavam de 16 a 22 páginas.

Além da parte voltada aos assuntos de política com os “Échos” do Brasil na Europa, ainda havia outras seções, como a dedicada a anedotas, *mots pour rire*, artigos científicos, romances, variedades e o folhetim, consolidando-se em uma estrutura moderna e de cunho bastante comercial, inclusive em relação ao estágio em que se encontrava a maior parte da imprensa brasileira. Com exceção do *Jornal do Commercio* (editado por franceses, aliás),⁴³ a imprensa nacional ainda caminhava para a profissionalização, e os jornais franceses, a despeito de constituírem-se em uma *petite presse*, uma vez que suas tiragens eram provavelmente reduzidas, traziam referências para o jornalismo local e até mesmo cobriam temas aos quais os nossos jornais nem sempre davam grande espaço.

⁴² COURRIER DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, 30 out. 1859.

⁴³ SODRÉ, N.W. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 109.

Figura 1 e detalhe – Podemos ter ideia da abrangência do programa do *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, com ampla cobertura internacional.

SOMMAIRE / PROGRAMME / ÉCHO DU BRÉSIL –
 Courrier de la Semaine – Sénat et chambre de Députés – La montagne du Castel –
 Nouvelles diverses./ **VARIÉTÉS BRÉSILIENNES** – L'Administration des Postes. /
ÉCHO DE L'EUROPE – La situation de l'Europe – France – Angleterre – Italie – Autriche –
 Suisse – Prusse – Valachie – Turquie – États-Unis – Affaires de l'Inde – Cochinchine –
 Chine et Japon. *Extraits des Journaux* – Le Discours de l'empereur – La question italienne –
 Tribunaux – Nouvelles diverses. / **ROMANS** – La Mionette.



Fonte: L'ÉCHO DU BRÉSIL ET DE L'AMÉRIQUE DU SUD. Rio de Janeiro, 1 maio 1859.

O escritório do *L'Écho* era inicialmente na rua do Rosário, n. 100. Hebdomadário, saía aos domingos e passou a ter dois suplementos por mês a partir de 15 de janeiro de 1860, sendo vendido no Brasil, França e Montevidéu. Com a morte de A. Aumont, a folha conhece uma reviravolta. Na edição 44, de

26 de fevereiro de 1860, seu epítáfio lamenta a morte repentina e o vazio deixado por seu editor, simbolizado no cabeçalho com um espaço pontilhado antes do nome do diretor.

Figura 2 – No pontilhado do cabeçalho, o vazio deixado pela morte de A. Aumont.



Fonte: L'ÉCHO DU BRÉSIL ET DE L'AMÉRIQUE DU SUD. Rio de Janeiro, 26 fev. 1860.

O necrológio não é assinado, mas o artigo de fundo é atribuído a “Rédaction”, e é possível que as honras finais lhe tenham sido feitas pelo novo diretor que passa a ser nada mais, nada menos que Baptiste Louis Garnier, fazendo do famoso endereço da rua da Ouvidor, *chez Garnier*, a nova sede do *bureau*. Ele que construiria uma carreira de editor de livros e periódicos bem conhecida dos brasileiros, parece ter tido essa experiência inaugural em *L'Écho*.

Figura 3 – Garnier torna-se o novo editor de *L'Écho*.



Fonte: L'ÉCHO DU BRÉSIL ET DE L'AMÉRIQUE DU SUD. Rio de Janeiro, 11 mar. 1860.

Vemos que os círculos eram restritos e, embora existissem rivalidades internas na colônia, bem explicitadas nas discussões que podem ser acompanhadas pelos jornais, as trocas culturais entre esses franceses e os brasileiros incluíam várias vertentes. De qualquer forma, a cisão existente no seio do grupo francês

não deixa Garnier imune. Com o obituário de A. Aumont, abre-se nova rixa nas páginas do *Courrier*, explícita na chamada *Les vivants et les morts*. A certa altura, o texto diz que Aumont havia sofrido “ataques baixos e vis”, ao que o *Courrier* se defende, deixando claro que se identificou com a acusação. E, por fim, não demoram a aparecer duras críticas ao próprio Garnier, ora identificado como detrator da Igreja e do Papa, e ora visto como alvo de adulação dos amigos por ser o novo editor de *L'Écho*. No primeiro caso, trata-se de uma referência ao jornal *L'Univers*, citado nas páginas de *L'Écho* como “órgão de bandidos católicos”,⁴⁴ e, no segundo caso, a um elogio feito pela *Revista Popular* ao *L'Écho* e à iniciativa do livreiro francês em continuar sua publicação. Ironias e impropérios não faltam, ao ponto de Hubert chamar Garnier de “inapto o insuficiente para criar um jornal” e identificar as relações de simpatia entre Garnier e a dita revista como bem resumidas no nada lisonjeiro ditado em latim, *asinus asinum fricat*.⁴⁵ Muitas outras críticas a *L'Écho* e a seu novo editor, B.L. Garnier, aparecerão no *Courrier* até o fim da publicação, em dezembro de 1860. De forma que fica a impressão não só de um cisma dentro da comunidade francesa, como também de uma franca tendência à polêmica do grupo dos *quarante-huitard*, que não economiza munição contra amigos (ou ex-amigos) como Garnier.

Figaro Chroniqueur (1859)

Outro jornal francês publicado em fins da década de 1850 no Rio de Janeiro foi o *Figaro Chroniqueur*. As edições desse jornal a que tivemos acesso se restringem ao ano de 1859. São apenas quatro números.⁴⁶

O título contrasta com os demais vistos até então. Seu editor, Arthur de Mouton, não adota o tom ufanista de outros jornais franceses publicados no Brasil, que tendem a exaltar o órgão como representante dos interesses franceses. Ao contrário, o acento despretenso já aparece no subtítulo “*journal critique, comique, satyrique, anecdotique, récréatif et amusant, publication antipolitique et*

⁴⁴ No original: “organe des voyoux catholiques”. L'ÉCHO DU BRÉSIL ET DE L'AMÉRIQUE DU SUD. Rio de Janeiro, 18 mar. 1860.

⁴⁵ Traduzindo: “Um burro coça outro burro”. COURRIER DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, 8 abr. 1860.

⁴⁶ *Figaro Chroniqueur*, 3/4, n. 1 – Dimanche; 10/4, n. 2 – Dimanche; 8/5, n. ? – Dimanche; 19/5, n. 7 – Jeudi.

anti-scientifique”. Ele falava para seus conterrâneos, mas também ao leitor em geral – o que incluía brasileiros –, e o tom era predominantemente satírico.

Certamente, o *Figaro Chroniqueur* não era um jornal de modistas, como Werneck Sodré afirma em seu livro sobre história da imprensa.⁴⁷ Nem era um jornal exclusivamente político, de comentários sobre a corte brasileira. Nele predominavam as anedotas, textos *nonsense*, comentários sobre o mundo do espetáculo. Dialogava com a imprensa satírica de sua época, conhecida pela crítica política, porém sua tônica era a vida mundana e, nesse caso, principalmente o mundo do entretenimento, antecipando o que outro periódico francês publicado no Rio de Janeiro, o *Ba-ta-clan* (1867-1871), faria alguns anos depois.

Jornal pequeno, tinha quatro páginas e feições artesanais, como ainda era grande parte da imprensa brasileira da época. Comparando-o com seus contemporâneos, o *Courrier du Brésil* e o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, era uma folha amadora.

Utiliza a fórmula de primeira página comum aos jornais franceses, com o folhetim no rodapé, solução essa que marcará nossa imprensa também. Não é jornal noticioso, os anúncios eram tímidos e restritos a uma coluna na última página, dados em formato de notícia, sem utilizar técnica publicitária nem no texto, nem na diagramação, sendo empreitada tipicamente artesanal.

O escritório ficava na filial brasileira da Livraria Firmin-Didot,⁴⁸ onde era possível comprá-lo ou assiná-lo. O artigo de fundo da primeira edição já começa com um título em forma de sátira, remetendo aos programas de comédia de costumes: “Programa, prospecto – prefácio, prólogo, introdução, diversão, enfim... o que quiser”.⁴⁹

O mundo da ficção e da realidade se misturam, e o editor estabelece logo um diálogo com Bertrand – seria uma alusão ao nome do proprietário da Imprimerie Moderne, Georges Bertrand, situada na rua d’Ajuda, em que o jornal era rodado? Ou ao personagem menor de uma comédia *sui generis* de Shakespeare, *Bem está o que bem acaba* (*All’s well that ends well*), inspirada em

⁴⁷ SODRÉ, N.W. *A história da imprensa no Brasil*, p. 198.

⁴⁸ Futura Livraria Imperial de Frederico Waldemar.

⁴⁹ No original: “Programme, prospectus – préface, prologue, introduction, avertissement enfin... ce que l’on voudra”. FIGARO CHRONIQUEUR. Rio de Janeiro, 3 abr. 1859.

uma peça de Boccaccio em que o herói, conde Bertrand, não passa de um tolo no ambiente da corte, que é retratado com ironia e humor negro? É mais provável ainda que seja referência aos inseparáveis personagens do autor de melodramas Benjamin Antier (1787-1870), os escroques Robert Macaire e Bertrand, popularizados nas páginas do jornal satírico *Le Charivari* com litogravuras publicadas entre 1836 e 1838 pela pena dos famosos caricaturistas franceses Charles Philipon (1800-1862) e Honoré Daumier (1808-1879). O fato é que o tom de rebaixamento rabelaisiano predomina:

– Que indiferença! Então, não te tratarei senão como um louco, animal, imbecil, besta antediluviana, mastodonte e quintessência de bilhões de doenças concentradas! Que ser infernal te colocou na cabeça que aqui – no Rio de Janeiro – podes implantar um *papelzinho* como este que tu te propões a escrever? [...] Então do que tu vais falar a esse monstro de mil cabeças que chamamos *Público*?

– De tudo!

– Diabo! Terás muito a dizer. Novo Pico della Mirandola, nova edição do Dicionário Bescherelle. E qual o título de tua folha de papel?

– *Figaro-Chroniqueur*; ele será distribuído em todo lugar, nos cafés, nos teatros, nas ruas...⁵⁰

O mundo do teatro é uma recorrência, como a menção a Gioavanni Pico dela Mirandola, mas também o dos cafés e teatros, que aparecem referenciados em profusão com menções aos teatros Alcazar Lírico, São Januário, Paraíso ou aos estabelecimentos frequentados após o espetáculo, como o Café Français, na rua da Assembleia e outros.

Na edição de 08 de maio de 1859, aparece uma crítica de um espetáculo do dramaturgo francês Offenbach, que era muito popular no Brasil. As críticas tea-

⁵⁰ No original: “Quel flegme! Donc, je ne te traiterai plus de fou, animal, imbecile, bêteanti-diluvienne, mastodonte e quintessence [sic] de milliards de convalescences concentrées! – Quel être infernal t’a mis dans la tête qu’ici – à Rio de Janeiro – l’on puisse planter un *papelinho* comme celui que tu te proposes d’écrire? Alors de quoi vas-tu parler à ce monstre à mille têtes que l’on nomme *Public*? – De tout. – Diable! Tu auras beaucoup à dire. Nouveau Pic de la Mirandole, nouvelle édition du Dictionnaire Bescherelle. – Et quel est le titre de ta feuille de papier? – *Figaro-Chroniqueur*; ils se distribuera partout, dans les cafés, dans les théâtres, dans les rues...”. FIGARO CHRONIQUEUR. Rio de Janeiro, 3 abr. 1859.

trais do mesmo gênero do *Figaro Chroniqueur* vão aparecer nas páginas de outro jornal francês, o *Ba-ta-clan*, anos mais tarde, e quase todos os jornais franceses pesquisados nesse período tinham seções dedicadas às artes e aos espetáculos. Mesmo que a intenção de missão civilizadora fosse recorrente nos jornais franceses publicados no Brasil, valorizando os costumes franceses como fator de civilidade a ser adotado pelos brasileiros, a recepção ao teatro no estilo bufo, o que inclui as tão populares operetas de Offenbach, não era das mais positivas entre a elite ilustrada brasileira – fenômeno semelhante ao que ocorrera em Paris. Literatos recusavam essas influências vistas como nefastas para a dramaturgia nacional.⁵¹

Embora o discurso da época, em vários jornais, incluindo franceses, associasse as peças francesas como signo de requinte e educação (como de resto, tudo o que era francês), os mais críticos eram recalcitrantes a tais opiniões e às ditas “influências”. A estrutura do espetáculo que se criou em volta desses teatros, tais como cafés e restaurantes, também era alvo de críticas, associada ao ambiente da boemia e da prostituição. Toda e qualquer alusão aos estabelecimentos em anúncios, propagandas ou comentários que exaltassem sua participação no refinamento dos hábitos locais só pode ser entendida neste contexto: eram associados, também, com o submundo, inversão que alimentava ainda mais a veia satírica.

Por fim, quando vem à lume a sétima edição,⁵² Charles du Mouton muda o dia da publicação de domingo para quinta-feira, alegando concorrência de outros dois jornais (clara alusão ao *Courrier du Brésil* e ao *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* – este último, impresso na mesma Imprimerie Moderne). Anunciam que darão o jornal parisiense *Magasin d'Illustrations* e livros franceses como brindes aos assinantes, estratégia que talvez não tenha dado certo, pois o jornal parece ter encerrado sua publicação, algo que não podemos afirmar com certeza dado o precário acesso às fontes.

⁵¹ LEVIN, O. M. Offenbach e a disputa pelo público brasileiro (1840-1870); FLÉCHET, A. Offenbach no Rio: a febre da opereta no Brasil do Segundo Reinado; e YON, J. C. A ópera bufa de Offenbach: algumas pistas para o estudo da circulação mundial de um repertório no século XIX. In: ABREU, M.; DEACTO, M. M. (Org.). *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas: Unicamp/IEL, 2014.

⁵² FIGARO CHRONIQUEUR. Rio de Janeiro, 19 maio 1859.

O fato de ser impresso na mesma tipografia que o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* faz suspeitar que seus agentes mantinham alguma relação. Podemos até arriscar a hipótese de que seu editor fosse, na verdade, A. Aumont. Sua participação na *petite presse* francesa com *Triboulet e Rabelais* e sua presença no Brasil nesse ano de 1859 levam a crer que Arthur de Mouton seja algum anagrama de A. Aumont. Mas esse dado teria que ser melhor investigado.

As mediações existentes e as redes formadas pelo relacionamento entre os editores, jornalistas, correspondentes, homens de letras e de negócios do lado de cá e de lá do Atlântico eram intensas. Muitas vezes, um mesmo nome aparece associado a mais de um jornal, caso de Georges Lardy, que foi gerente do *Messageur du Brésil* (1878-1884) e do *Sud Américain* (1885-1886), como veremos.

Os escritórios dos jornais ou os locais em que era possível assiná-los não raro eram pontos de sociabilidade da intelectualidade. O *Figaro Chroniqueur*, por exemplo, começa anunciando que as assinaturas eram feitas na Livraria Firmin Didot e que depois passam à Livraria Waldemar, a mesma em que ficavam os escritórios do *Courrier du Brésil*, repetindo um padrão que nos faz acreditar na hipótese de que faziam parte de um mesmo grupo de pessoas, ainda que não tenhamos dados seguros sobre os nomes que se apresentam no intrincado processo de produção e circulação desses jornais.

OS ANOS DE 1860: MAIS JORNAIS FRANCESES

A década de 1850 inaugura um período que inclui jornais franceses longevos que reuniam vários colaboradores e apresentavam um número de páginas significativo, até mesmo propostas mais ousadas como o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*. A década de 1860, por sua vez, continua apresentando um bom ritmo de publicações no Rio de Janeiro. O historiador Gondin da Fonseca⁵³ dá a notícia de dois jornais dessa época dos quais sabemos muito pouco. O primeiro, publicado entre 1862 e 1863, chama-se *Le Brésil*, seu editor era Flávio Farnèse, e consta, segundo o autor, um exemplar do mesmo mutilado na Biblioteca Nacional brasileira e ao qual não tivemos acesso em pesquisa presencial.

⁵³ FONSECA, G. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1941.

Melhor sorte tivemos com o segundo, *Le Nouvelliste de Rio de Janeiro: journal politique, littéraire et commercial* [1863-186-?], e que está digitalizado no mesmo acervo. Seu editor-proprietário era H. Rautenfeld e o redator-chefe, L. A. Nerciat. Gondin da Fonseca afirma que se tratava de uma “Nova encadernação de *Le Nouvelliste* de 1837”.⁵⁴ Isso faria de *Nouvelliste* um dos jornais mais antigos a serem publicados em francês no Brasil. Porém parece que essa informação não procede, não é o mesmo jornal.

Não temos acesso ao primeiro número de *Le Nouvelliste*, mas a partir da leitura da edição de 1847 ficamos sabendo que estava no 11º ano de publicação, tinha quatro páginas, saía três vezes por semana e tinha mudado de nome. Seu antigo título era *Corsaire*: “Há muito tempo o *Corsaire* não satisfazia mais as justas exigências; ele muda de formato, de título e aproxima sua publicação dos interesses ligados às notícias locais...”⁵⁵ Um dos redatores (e talvez seu editor--chefe) era Michel Noël Burnier, que assinava como “Z” em suas colaborações nos jornais *Diário do Rio de Janeiro* e *Jornal do Commercio*, entre outros. Com a morte de M. Burnier, em fevereiro de 1848, o jornal comunica que faria uma parada temporária e não temos mais nenhum vestígio dele, o que faz supor que a publicação existiu no intervalo de 1837 a 1848.⁵⁶

Quanto a *Le Nouvelliste de Rio de Janeiro: journal politique, littéraire et commercial* [1863-186-?], sabemos que em 1863 estava no primeiro ano de publicação. Tudo leva a crer, portanto, que esse jornal não era continuação do periódico quase homônimo.⁵⁷ Em apenas quatro páginas, o bissemanal *Le Nouvelliste de Rio de Janeiro* trazia notícias do Rio, da região do Prata, da Europa, da América Latina etc., além do folhetim no rodapé e outras seções ligadas ao mundo das artes e espetáculos. Tinha uma rica cartela de anunciantes brasileiros, franceses e ingleses, era vendido no exterior (França, Bélgica e Inglaterra) e distribuído

⁵⁴ Ibid., p. 334.

⁵⁵ No original: “Depuis longtemps le *Corsaire* ne satisfaisait plus à des justes exigences; il change donc de format, de titre et rapproche sa publication pour joindre à l’intérêt qui s’attache aux nouvelles locales [...]. En prenant la succession du *Corsaire*, le *Nouvelliste* ne confondra jamais...” – LE NOUVELLISTE. Rio de Janeiro, 4 nov. 1847.

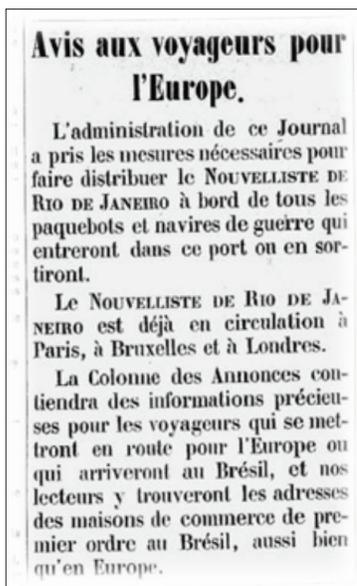
⁵⁶ LE NOUVELLISTE. Rio de Janeiro, 29 fev. 1848.

⁵⁷ Como o primeiro *Nouvelliste* foge do nosso recorte, não trataremos desse caso pelo momento.

nos paquetes (Figura 4). Em suas páginas era possível acompanhar o debate sobre a abolição e os conflitos diplomáticos com os ingleses.

Figura 4 – *Le Nouvelliste de Rio de Janeiro: journal politique, littéraire et comercial* – distribuído em paquetes e de circulação internacional.

O exemplar acima consta como sendo o nono do ano I da publicação e não parece ter relação com o jornal quase homônimo publicado anos antes, *Le Nouvelliste* (1836-1848), cujo título até 1847 era *Le Corsaire*.



Fonte: LE NOUVELLISTE DE RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 5 jul. 1863.

Outra publicação importante da década é a revista *Ba-ta-clan: chinoiserie franco-brésilienne*, de Charles Berry. Publicada entre 1867 e 1871, vendida em grandes livrarias como a Garnier, essa publicação satírica, como o nome diz,⁵⁸ fez

⁵⁸ “Chinoiserie”, segundo o Petit Robert: “1. Bibelot, décor qui vient de Chine ou qui est dans le goût chinois. 2. Complication inutile et extravagante.”

grande sucesso⁵⁹ e era ricamente ilustrada com caricaturas de J. Mill, fugindo ao padrão dos jornais até agora descritos. Mudou de subtítulo duas vezes (1868 – “*journal satyrique*”; 1869-1871 – “*journal satyrique illustré*”) e tinha uma incrível rede de distribuição no Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Porto Alegre e Pelotas (RS), Pernambuco e Ceará, no Brasil, além de ser vendida em livreiros de Paris e Bordeaux. Seu fundador, Charles Berry, é também o editor anônimo de *Le Courrier de Rio de Janeiro* em 1871, “... *Phenix* surgida das cinzas do *Ba-ta-clan*...”, segundo os redatores do jornal *O Mundo da Lua: folha ilustrada, lunática, hyperbólica e satyrica*, que critica em artigo de fundo o redator por este não se identificar para a sociedade (Charles Berry não era senão um pseudônimo) e pelo estilo que continuava a satirizar os brasileiros em geral, até mesmo os mais ilustres, como o imperador Pedro II quando de sua visita à Europa.⁶⁰

Fechando o decênio ainda temos *Gazette du Brésil: journal politique, commercial, agricole et littéraire* (1867-1868), que apresentava uma periodicidade particular, saindo nos dias 1º e 15º de cada mês e à época das partidas dos paquetes transatlânticos em edições de duas a quatro páginas. Seus escritórios ficavam na Livraia Fauchon & Dupont (que também vendia a *Ba-ta-clan*) e podia ser assinada em Paris. Não vamos nos ater a todos os casos que levantamos pelos limites impostos a um artigo, deixando para outra oportunidade a análise desses importantes periódicos.

Passando à próxima década, seguramente o jornal de maior destaque a surgir nos anos de 1870 foi o *Messenger du Brésil*, e não é possível falar dele sem passar por seu antecessor, *Le Gil Blas*.

Le Gil Blas: journal politique, satyrique et artistique (1877-78)

Obedecendo à tradição de jornais franceses satíricos e literários que o *Figaro Chroniqueur* já havia introduzido na imprensa francófona brasileira, *Le Gil Blas*

⁵⁹ Segundo Gondin da Fonseca: “Este jornal fez sucesso no seu tempo. Era todo redigido em francês, com caricaturas de J. Mill...”. FONSECA, G. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*, p. 338.

⁶⁰ *O Mundo da Lua: folha ilustrada, lunática, hyperbolica e satyrica* (ano 1, n. 15, 8 abr. 1871). O estreante Pinheiro Guimarães, um dos editores do jornal ao lado do primo Luís Guimarães Jr., faz uma caricatura nada lisonjeira do Imperador com a legenda na edição seguinte, n. 16, de 15 de abril de 1871.

aparecia como uma folhinha despreziosa e debochada que usava o nome do personagem do romance popular homônimo do francês Alain René Lesage, precursor do realismo, publicado em meados do século XVIII. O romance espanhol, escrito entre 1715 e 1735, em quatro volumes e considerado como última obra-prima do gênero picaresco, faz um retrato da sociedade por meio do olhar de um criado, Gil Blas, vindo da miséria para a corte como um observador perspicaz e velhaco, que consegue riqueza e prestígio, abandonando as práticas vis. A história desse *parvenu* não tem sentido moral, servindo, todavia, como metáfora da atividade jornalística – um observador dos costumes e mazelas de seu tempo –⁶¹ o que, talvez, seja a receita do sucesso que o nome fez como título de inúmeros jornais.⁶² O nome do editor, Fantasio, também trazia uma referência literária, sendo um personagem da ópera cômica de 1872 escrita por Alfred Musset, musicada por Jacques Offenbach.⁶³

Desse modo, um jornal mais satírico e literário que político, o *Gil Blas* brasileiro se colocava como órgão de defesa da “liberdade”, em declarada alusão à França da Terceira República, da qual seria defensor no Brasil. Com quatro páginas, vendido a 20 réis, com lemas como “Apresemos-nos a rir, por receio de sermos obrigados a chorar”,⁶⁴ ele fazia parte dessa imprensa satírica de larga

⁶¹ *A Histoire de Gil Blas de Santillane* de Lesage “ce n'est pas la peinture des hommes tels qu'il doivent être, mais tels qu'ils sont”. Traduzindo: “não é a pintura dos homens tal como eles devem ser, mas tal qual eles são”. Apud: VAPEREAU, G. *Dictionnaire universel des littératures*. Paris: Librairie Hachette et Cie., 1876. p. 1235-1237. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2207247>>. Acesso em: abr. 2016.

⁶² Houve vários “Gil Blas” na França também. Em uma rápida pesquisa nos catálogos da Bibliothèque Nationale de France (BnF), é possível achar muitos títulos de periódicos com esse nome, como o *Gil Blas: revue de Luchon et de Pyrénées*, de 1867. Mas o mais famoso *Gil Blas* francês começou a ser publicado em 1879, depois do brasileiro, portanto, tendo continuado a sair até 1940, editado por A. Dumont e com edições especializadas, como o *Gil Blas Illustré*, surgido a partir de 1891. Outras variáveis continuaram surgindo, como *Gil Blas: supplément sportif hebdomadaire* (1896), *Gil Blas: supplément hebdomadaire militaire* (1896), *Gil Blas: supplément hebdomadaire du lundi: Gil Blas mode* (1896), *Almanach de Gil Blas* (1881), *Gil Blas: supplément hebdomadaire du mercredi: Gil Blas hors de France* (1896), *Gil Blas: bi-mensuel. Journal d'information politique & économique* (1934), entre outros, incluindo uma edição de Madri, *Gil Blas: periódico satírico* (1870).

⁶³ OFFENBACH, Jacques [compositeur]. *Fantasio, opéra comique en 3 actes d'après la comédie d'Alfred de Musset* [Musique imprimée]. Paris: Choudens, [1872], In-8°, 223 p.

⁶⁴ No original: “Hatons-nous d'en rire, de crainte d'être obligé d'en pleurer”.

tradição na Europa e que encontrava no Brasil do Segundo Império ambiente adequado ao seu florescimento.

O dia de sua estreia, 14 de outubro de 1877, não passa incólume na crônica “*Un septenaliste – variations en si-bémol sur le chiffre cabalistique 7*”, algo como “Um setista – variações em si-bemol sobre a cifra cabalística 7”. Talvez uma referência ao dia das comemorações da Independência do Brasil? A levar em conta a sátira deslavada às instituições imperiais brasileiras, citando vários momentos da história em que o número sete aparece, isso é bem possível. A ironia que se segue fortalece essa hipótese “setista”. Depois de citar vários exemplos de momentos históricos supostamente ligados ao número sete, Fantasio ironiza: “Enfim, em uma época mais próxima, [temos o exemplo do] *sete de setembro*, data memorável (não confundir Independência com Liberdade)”.⁶⁵ Totalmente escrito em francês, não deixava de lado os assuntos nacionais.

Assim como *Ba-ta-clan* e *Figaro Chroniqueur*, o *Gil Blas* brasileiro também se dedicava à crítica das artes e espetáculos, como o título faz supor, com destaque para a dramaturgia operística, inclinação justificada pela conhecida predominância dos franceses não só na autoria das peças, mas pela presença física deles nos negócios do teatro carioca. Tais atividades incluíam de estabelecimentos de espetáculos, como vimos acima, a uma ampla rede de confeitarias, cafés, equipamentos (como fábrica de espelhos a vapor, mobiliários, decoração) e atividades afins, como pintura de fachadas, cabeleireiros, mesas de bilhar etc. – atividades contempladas em seus anúncios.

No segundo número de *Gil Blas* (21 out. 1878), a despeito de o editorial agradecer a boa recepção da imprensa fluminense, um tal Clic-Clac assina um *À vol d’oiseau* [um panorama] sobre a imprensa do Rio não muito simpático a certos jornais, como o *Jornal do Commercio*, mais uma prova de que não tomava para si uma postura de neutralidade frente à história nacional, como de regra.

No número 8, sob o título *O futuro da colonização no Brasil*,⁶⁶ o *Gil Blas* faz a reprise de um trecho do *Jornal do Commercio*⁶⁷ em que o delegado da Sociedade

⁶⁵ No original: “Enfin, à une époque plus rapprochée, le *Sept Septembre*, date mémorable (ne pas confondre Independence avec Liberté)”. LE GIL BLAS. Rio de Janeiro, p. 2, 14 out. 1877.

⁶⁶ LE GIL BLAS. Rio de Janeiro, 2 dez. 1878.

⁶⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 27 set. 1878.

Geográfica Comercial de Paris, o francês M. Coquelin, elogia as condições de migração no Brasil, país que garantiria ao colono francês “todas as facilidades possíveis”. Assinada por H. R., a crônica de *Gil Blas* desmente as impressões de M. Coquelin e faz todo o tipo de crítica à situação do imigrante francês, seja aquele que chega ao Rio de Janeiro e é praticamente expulso dos navios para então vagar pelo sol do Rio de Janeiro em busca de seu cônsul, segundo o texto, seja aquele que chega a locais isolados, sem saber a língua e enfrenta todo tipo de dificuldade, da adaptação ao clima à alimentação, não recebendo, no entanto, qualquer assistência oficial.

Não é nossa intenção nos aprofundarmos na análise desse jornal, mas só apresentá-lo enquanto parte do *corpus* deste panorama da imprensa francesa que estamos tentando fornecer para tentar melhor entender outro jornal importante do período, o *Messenger du Brésil*.

Le Messenger du Brésil (1878-84)

O *Messenger du Brésil* (1878-1884) era o antigo satírico *Le Gil Blas: journal politique, satyrique et artistique*. Com a mudança de nome para *Le Messenger du Brésil* nota-se a adoção de um tom mais sério. A data final de sua publicação, 1884, é incerta, mas muito provável. Há apenas um comunicado no artigo de fundo de que essa edição teve um leve atraso devido a “importantes reformas por que acabaram de passar a administração e a gerência”, mas nada que indique que tenha sido, de fato, a derradeira edição desse longo jornal francês publicado no Rio de Janeiro.⁶⁸

No que diz respeito ao abandono do antigo título, o editorial do número 48, ano 2 é revelador.⁶⁹ Publicado no dia 7 de setembro de 1878, dia das comemorações de 56 anos da Independência do Brasil⁷⁰ (dentro da tradição “setista”), com

⁶⁸ Trabalharemos com essa data, no entanto, devido à restrição imposta pela disponibilidade das fontes, uma vez que na Biblioteca Nacional brasileira esse é o último exemplar disponível.

⁶⁹ O primeiro com novo nome *Le Messenger du Brésil* e continuação direta do *Gil Blas*, cuja última edição foi a de número 47, ano 1.

⁷⁰ E apenas três dias após as comemorações da “festa da República” francesa organizada em São Paulo pela colônia francesa e presidida pelo vice-cônsul francês Charles Marquois: “Le 4 septembre n'est pas seulement la fête de la République, c'est aussi

o título *Notre Transformation*, informa que o antecessor *Gil Blas* havia tido uma recepção “favorável e simpática” pelo público francês e brasileiro, o que justificaria sua continuidade. Sendo assim, por que não permaneceram com o mesmo nome e estilo? Por que optaram por um nome que remete a um órgão noticioso, abrindo mão do título anterior?

No número 46, ainda como *Gil Blas*, o editorial “*Gil Blas à ses lecteurs*”⁷¹ anuncia o *Messenger du Brésil* como uma fase “madura”: “Este [*Messenger du Brésil*] é o nosso filho que cresceu; e ele já fala quase como um rapaz crescido”, e pede que o leitor “Dê um forte aperto de mão no *Gil Blas* que vos deixa, e fique de braços abertos para receber *Le Messenger du Brésil* que se apresentará em breve”.⁷² Esse amadurecimento, esse “tornar-se adulto”, vem, de fato, acompanhado de certas mudanças. Mas o que leva às alterações não é bem esclarecido. O anúncio da publicação com o novo nome se repete na edição 47 de *Gil Blas* e, finalmente, no número 48 surge como *Messenger du Brésil*, com uma proposta marcadamente diversa.

A princípio, muda o dia da publicação de sábado para domingo, mas continua hebdomadário. Por outro lado, sua orientação se altera completamente: enquanto *Gil Blas* enveredava pela sátira mordaz e certo radicalismo político, o *Messenger du Brésil* apresentava-se sóbrio, informativo e voltado a assuntos comerciais, retomando o lema de “o único órgão francês no Brasil”, o que, de fato, era à época, e faz seu editor afirmar que vinha “preencher uma lacuna importante”.

O folhetim continuava no rodapé, mas com uma mudança: enquanto o *Feuilleton du Gil Blas* trazia o extenso poema de Victor Hugo “Le Pape” interrompido a cada edição com a fórmula “à suivre”, o *Feuilleton* de *Le Messenger du Brésil* substitui a poesia épica pelo gênero moderno, o romance. *Femme de Glace* de Adolphe Belot foi largamente anunciado e dava esse ar de imprensa comercial que já caracterizava algumas das maiores publicações francesas de então.

la fête de la France”. LE GIL BLAS. Rio de Janeiro, p. 2, 1 set. 1878.

⁷¹ Onde se dirige primeiramente às “Chères Lectrices” e depois aos “Chers Lecteurs”. LE GIL BLAS, 25 ago. 1878.

⁷² No original: “C’est qu’il a grandi notre fils; c’est qu’il parle déjà presque comme un grand garçon” (LE GIL BLAS, 25 ago. 1878, p.1) e “Donnez avec nous une bonne poigné de main à *Gil-Blas* qui vous quitte, et laissez vous deux mains ouvertes pour recevoir *Le Messenger du Brésil* qui se présentera à vous prochainement”.

A referência às leitoras, recorrente em *Gil Blas*, já não é tão explícita, e, ao que parece, o *Messenger* dirige-se mais aos leitores masculinos. Seria esse também um sintoma de que queria passar a impressão de um jornal mais “sério”?

Fundador e redator-chefe do *Gil Blas*, um grave dever nos era imposto em face de nossos assinantes; pensamos que nossa primeira tentativa nos impunha a obrigação que torna o *único órgão francês no Brasil* mais digno de nossa colônia; ou seja, em mais harmonia com as justas aspirações de nossos leitores.⁷³

Independente do motivo que levou à mudança, o jornal se profissionalizou, com acentuada melhora na parte material e intelectual. Outra diferença importante é que, enquanto os colaboradores de *Gil Blas* se ocultavam atrás de pseudônimos, no *Messenger du Brésil* muitas vezes assinam nomes como P. Lalourère, A. de Belmar, G. Lardy, entre outros, embora o procedimento de adotar pseudônimos literários não tivesse de todo desaparecido, como no caso de Junius, que remete provavelmente às *Letters of Junius* (1772), e do próprio Fantasio, o antigo editor do *Gil Blas*, que reaparece assinando crítica teatral em 1878 (3/11/1878).

Os editoriais de primeira página, em que o editor conversava com seu leitor sobre a orientação do jornal, deram lugar à crônica política e concentravam-se nos acontecimentos franceses, acompanhando-os com seriedade. Mas continuam sem uma assinatura, ao menos nas primeiras edições.

Tínhamos notícia de que Georges Lardy, gerente de outro jornal francês publicado no Brasil, *Le Sud-Américain* (1885-1886), teria também dirigido o *Messenger du Brésil*.⁷⁴ Seria ele o editor-chefe do *Messenger du Brésil*? Parece que não, que era apenas o gerente mesmo. O Almanaque Laemmert de 1882 indica que o redator do *Messenger* é Emilio Deleau, cujo escritório seria na rua Gonçalves Dias, 47.⁷⁵ Ele já aparece em referências dos anos de 1876, no endereço da rua do Ouvidor, 46.⁷⁶

⁷³ LE MESSENGER DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, 7 set. 1878.

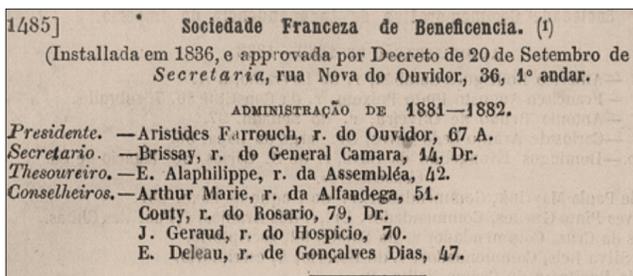
⁷⁴ BATALHA, C. H. M. Um socialista francês diante da escravidão no Brasil: Louis-Xavier de Ricard e o jornal *Le Sud-Américain*, p. 163.

⁷⁵ ALMANAK LAEMMERT DO RIO DE JANEIRO PARA 1882, p. 399.

⁷⁶ ALMANAK LAEMMERT DO RIO DE JANEIRO PARA 1876, p. 44; ALMANAK LAEMMERT DO RIO DE JANEIRO PARA 1877, p. 44.

Em 1878, E. Deleau é mencionado na lista de profissões “matemáticas e físicas” no mesmo endereço⁷⁷ e apenas em 1882 aparece como redator do *Messenger du Brésil*.⁷⁸ Em 1883, em novo endereço, na rua Sete de Setembro, 131, é classificado como literato e jornalista⁷⁹ e como livreiro,⁸⁰ mesmo ano em que consta como conselheiro da Sociedade Francesa de Beneficência (Figura 5).⁸¹

Figura 5 – Émile Delau era o nome verdadeiro de *Fantasio*, editor do *Gil Blas* e do *Messenger du Brésil*. Ele era parte da Sociedade Francesa de Beneficência ao lado de outros franceses notáveis, como L. Couty.



Fonte: ALMANAK LAEMMERT DO RIO DE JANEIRO PARA O ANO DE 1883.

No ano de 1885, o nome de Deleau vem na lista de jornais da Corte publicados em 1884, como redator-chefe do *Messenger du Brésil – jornal bi-hebdomadário propriedade de uma associação*, cujo gerente é Georges Lardy, no endereço Sete de Setembro, 131,⁸² que é o endereço que se liga ao jornal.⁸³ Este último, ao que parece, começa a trabalhar no *Messenger du Brésil* apenas em 1884.

O que deduzimos é que Émile Deleau é o principal responsável pela redação do *Messenger du Brésil*. Então seria ele o autor do editorial da edição 48 (1878),

⁷⁷ ALMANAK LAEMMERT DO RIO DE JANEIRO PARA 1878, p. 655.

⁷⁸ ALMANAK LAEMMERT DO RIO DE JANEIRO PARA 1882, p. 399.

⁷⁹ ALMANAK LAEMMERT DO RIO DE JANEIRO PARA 1883, p. 663.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 664.

⁸¹ *Ibid.*, p. 1214.

⁸² ALMANAK LAEMMERT DO RIO DE JANEIRO PARA 1885, p. 684, p. 693.

⁸³ *Ibid.*, p. 902.

que marca a mudança do jornal? Temos fortes indícios de que sim. Embora não assinasse matéria, seu nome vai aparecer diversas vezes associado ao seu *Curso de Álgebra* (um livro de matemática com exercícios e vendido na Livraria Garnier) e aos membros da Sociedade Francesa de Beneficência (incluindo nomes como Ad. Hubert, L. Couty, B. L. Garnier, entre outros). Apenas em junho de 1883 é que seu nome aparece diretamente relacionado à redação, quando o jornal faz publicar uma carta de sua autoria: “O senhor E. Deleau, redator-chefe do *Messenger du Brésil*, foi a Campos assistir à inauguração da iluminação por luz elétrica. Nós publicamos a carta que ele nos enviou de Cantagalo”.⁸⁴

Ora, se E. Deleau é o principal responsável pelo *Messenger du Brésil* nesse período, deduzimos que ele seria também o Fantasio, o *rédacteur en chef* misterioso do *Gil Blas*. De fato, procurando por seu nome na folha satírica, achamos nada mais, nada menos que um tímido anúncio na página quatro que reforça nossa hipótese: “*Cours de Mathématiques, par E. Deleau, rua Nova do Ouvidor, n. 37*”, mesmo endereço da redação do *Gil Blas*. E, para confirmar nossas suspeitas, um dos textos de *la une* do primeiro número do *Gil Blas*, intitulado “*La guerre aux petits!*” é assinado por um tal E. D., provavelmente as iniciais de seu nome. Acreditamos, assim, ter acabado com o mistério: o principal responsável por *Gil Blas* e pelo *Messenger du Brésil* era o professor de matemática francês alsaciano Émile Deleau.

Nossa pesquisa revela, então, mais um nome importante ligado ao periodismo em língua francesa do século XIX, parte de grupos tradicionais da colônia, como aquele formado pelos participantes da Sociedade Francesa de Beneficência, mas que, devido ao quase anonimato, não havia obtido a devida atenção.

Le Messenger du Brésil será publicado ainda por vários anos, apresentando crescente profissionalização. Além do aumento do número de seções e colaboradores, as iniciativas promocionais começam a aparecer, embora tímidas, como o lançamento de edições comemorativas e/ou suplementos – como na edição de 10 de junho de 1880, com duas páginas inteiramente dedicadas às homenagens do

⁸⁴ No original: “M. E. Deleau, rédacteur en chef du *Messenger du Brésil*, est allé à Campos assister à l’inauguration de l’éclairage par la lumière électrique. Nous publions la lettre qu’il a nous adressée de Cantagalo”. LE MESSAGER DU BRÉSIL, 24 jun. 1883.

tricentenário da morte de Luís de Camões,⁸⁵ aberto com um poema de Victor Hugo “À la mémoire de Camões”.

Mas é quando o jornal passa a ser associado a Georges Lardy que há uma nova mudança editorial. Um exemplo é o anúncio do futuro lançamento, em dezembro de 1883, do *Almanach du Messenger du Brésil pour l'année 1884*. Ele deveria ser distribuído gratuitamente aos assinantes e a vários estabelecimentos no Brasil. A chamada para anúncios demonstra que a publicação deveria ser custeada por essa receita. A iniciativa foi bem-sucedida, sendo que, já no dia 24 de janeiro de 1884, anunciaram novas edições a serem enviadas aos interessados. No dia 31 de janeiro, a distribuição do almanaque recomeça.

Alguns meses depois, no fim de junho de 1884, avisam que a partir de 1º de julho o jornal passaria por uma “transformação”, uma “nova fase”, com oito páginas, que visava melhor responder aos interesses da colônia, ou seja, ajudar franceses no Brasil e do exterior a conhecer o Brasil, tema que, vimos, era recorrente na imprensa franco-brasileira.⁸⁶ A primeira página seria consagrada aos estudos sobre o Brasil, escritos em português e francês, o que de fato se deu. Junto a essa iniciativa, é divulgada a edição da *Revue de France et du Brésil*, de 130 a 150 páginas, também bilíngue e com o objetivo de divulgar o país na Europa, com artigos mais longos.

Em julho, o jornal publica na primeira página uma circular, em português, destinada a alguns “amigos”, que se tratava de uma carta de intenções dessa nova fase, conclamando a imprensa local e estrangeira (incluindo aí os jornais anglófonos publicados no Brasil como o *Rio News* e o *Anglo Brazilian-Times*) a ultrapassar as iniciativas individuais na divulgação dos potenciais que o Brasil apresentava como terra de acolhida migratória. Claro está que o debate não é apenas sobre migração, mas sobretudo o que implicava a substituição da mão de obra e a abolição do escravismo, o que dava o tom a essa tendência temática. Tudo leva a crer que o jornal também tornou-se uma sociedade mais complexa:

⁸⁵ “À Luiz de Camões homage du *Messenger du Brésil*”. LE MESSAGER DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, 10 jun. 1880.

⁸⁶ “Transformation du MESSAGER - À partir de 1er juillet prochain, le *Messenger du Brésil* entre dans une nouvelle phase de son existence. Après une longue et minutieuse étude des conditions que doit remplir un journal français pour satisfaire dans la mesure la plus large aux intérêts de notre colonie, nous nous sommes convaincus qu'il devait s'appliquer, avant tout, à faire connaître le Brésil, non seulement à nos compatriotes qui y résident, mais encore aux habitants du Vieux-Continent.” LE MESSAGER DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, 29 jun. 1884.

Passando o *Messenger du Brésil* a pertencer-nos, muito embora continue como órgão da colônia francesa, será ampliado de modo a tornar-se mais útil. Apresentará duas seções novas: a primeira em francês e português tratará das questões da transformação do trabalho e dirigir-se-á principalmente aos capitalistas ou aos grandes fazendeiros; a segunda, em francês e italiano, dedicar-se-á sobretudo aos imigrantes já fixados no Brasil ou que para ele pretendem vir.⁸⁷

Em seguida, a apresentação da *Revue de France et du Brésil* é assinada pelos organizadores Émile Deleau e Louis Couty⁸⁸ e nomes brasileiros, mostrando como o empreendimento ultrapassou as fronteiras da colônia francófona: Antônio da Silva Prado,⁸⁹ Rodolfo Epifânio de Souza Dantas,⁹⁰ Alfredo d'Esgragnolle Taunay,⁹¹ J. C. Ramalho Ortigão⁹² e José Ferreira de Souza Araújo,⁹³ com participação ainda de A. Manoel de Macedo, nomes ilustres da aristocracia imperial e que passariam à República como símbolo de prestígio intelectual e poder político.

É possível que tais iniciativas dos editores fossem tentativas de diversificar a oferta aos leitores, modernizando a gestão e aproveitando melhor a estrutura, o que pode ser tanto um sintoma do crescimento do *Messenger du Brésil* como, ao contrário, sinais de uma crise que culminaria com o fim de sua publicação, uma vez que não temos notícias de edições em 1885.

⁸⁷ Apesar do anúncio, não houve seções publicadas em italiano. LE MESSENGER DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, 3 jul. 1884.

⁸⁸ Nome respeitado dentro e fora da comunidade francesa no Brasil, com atuação na Escola Politécnica, próximo ao Imperador e com importantes publicações sobre o Brasil, sendo o autor da célebre frase "O Brasil não tem povo". CARVALHO, J. M. Os três povos da República. *Revista USP*, São Paulo, n. 59, p. 96-115, set./nov. 2003.

⁸⁹ O futuro Conselheiro Antônio Prado era, nessa época, o inspetor especial de terras e colonização da Província de São Paulo.

⁹⁰ Ministro do Império e criador da cadeira de xilogravura no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994. p. 201.

⁹¹ De origem francesa, teve múltiplas atuações como engenheiro, músico, romancista, historiador, professor, político etc. Autor do romance *Inocência* (1872).

⁹² Irmão do escritor português José Duarte Ramalho Ortigão. Ver: NABUCO, J. *Escritos e discursos literários: L'Option*. São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial, 1949. p. 3.

⁹³ Redator-chefe do jornal *Gazeta de Notícias*.

De sua leitura, no entanto, nada levava a crer que a trajetória estivesse descendente. Embora tenha começado como um hebdomadário domingueiro (apesar do primeiro número ter saído num sábado), o *Messenger* passa a ser bissemanal, o que é um sintoma de demanda. Não sabemos com certeza quando ele se torna bi-hebdomadário devido às falhas das edições disponíveis no acervo. Mas em seu sétimo ano de publicação, o subtítulo remete à nova periodicidade: *Le Messenger du Brésil: journal français bi-hebdomadaire*, saindo às quintas e domingos, já no novo endereço em vigor desde 1882, à rua 7 de setembro, 131.

Em relação ao Almanaque, o mesmo resume-se praticamente ao relato de E. Deleau sobre a viagem de d. Pedro II à cidade de Campos em junho de 1883, para a inauguração de luz elétrica, um ato simbólico de modernidade. Espécie de grande reportagem, Deleau descreve a viagem sempre com ênfase em seus aspectos tecnológicos – a ferrovia de Nova Friburgo que permite aos viajantes penetrar pela floresta antes acessível apenas aos muars, a usina de energia, a postura científica do Imperador, as pródigas condições naturais etc. Faz alusões recorrentes a Charles Ribeyrolles, que descreveu a região de Campos anos antes, em 1853, em seu livro *Brasil pitoresco*, mostrando os progressos da região e repetindo a representação positiva que alguns franceses faziam da Corte de d. Pedro II, demonstrando-se surpreso com as festas de recepção que este e sua comitiva receberam pelo caminho desse “belo país do futuro”.⁹⁴

O texto tinha sido publicado no *Messenger du Brésil* em forma de cartas enviadas por E. Deleau durante sua expedição entre os dias 24 de junho (a carta era datada de 22 de junho) e 1º de julho de 1883. Ele foi integralmente reproduzido no Almanaque, intercalado com anúncios de página inteira,⁹⁵ em formato de livro, mas com algumas características básicas desse tipo de publicação, como a presença de um calendário para o ano de 1884, entre outras informações relati-

⁹⁴ “Estamos profundamente surpresos e encantados quando pensamos que estes progressos de magnificências reais, que acreditávamos possível apenas em castelos principescos do Velho Continente, existe em uma casa quase perdida em meio às grandes florestas virgens que se levantam orgulhosamente nos cimos das altas montanhas”. No original: “On est profondément étonné et ravi lorsqu’on songe que ce déploiement de magnificences royales, que l’on croyait possible que dans les châteaux princiers du Vieux Continent, a lieu dans une maison presque perdue au milieu des grandes forêts vierges qui se dressent encore orgueilleusement sur la cime de hautes montagnes” (ALMANACH DU MESSAGER DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, p. 53, 1884).

⁹⁵ Chama a atenção o grande número de anúncios de estabelecimentos franceses.

vas ao funcionamento de repartições públicas para conhecimento do imigrante francês. Talvez tenha sido o primeiro almanaque em língua francesa publicado no Brasil.

Antes mesmo que o *Messenger du Brésil* e a *Revue de France et du Brésil* parassem de sair em 1884, eram publicados jornais como *L'Étoile du Sud* (1882-1924) antiga *Revue Commerciale Financière et Maritime de la Place et du Port de Rio de Janeiro*. Por sua vez, o *Sud Américain*, surgido no ano seguinte ao fim do *Messenger* (1885-86), parece ter sido uma espécie de continuidade deste, com Georges Lardy na gerência. Porém o editor Xavier de Ricard, um notório revolucionário, logo rompe com Lardy e encaminha a folha para uma tendência mais militante, experiência que não passa de dois anos.⁹⁶

Positivisme et Laffitisme (1884), listado por Letícia Canelas como periódico, é na verdade um opúsculo *in-8º* de 156 páginas com o subtítulo: “*réponse à la protestation Lafittiène contre la circulaire collective du centre positiviste brésilien.*”⁹⁷ Há outra referência com o mesmo título em 1902, *Positivisme et Laffitisme: le positivisme au Brésil*,⁹⁸ de 26 páginas, mas parece não ser um periódico.

Esses e outros jornais da passagem para o século XX marcaram uma nova fase da imprensa francófona no Rio de Janeiro. Àquela primeira geração do livreiro Louis Mongie mais tímida, sucede uma mais universal e inserida no circuito transnacional cultural que envolvia Victor Hugo, Charles Ribeyrolles, Victor Frond, Taunay, Garnier, Machado, Louis Couty, Macedo e outros. Émile Deleau atravessa esse período com um jornal em que cabe a colaboração de todos, até que o grupo perde força, alguns deles morrem e as duas gerações de franceses, ligadas a uma época áurea da imprensa francesa no Brasil, encontram seu fim.⁹⁹

⁹⁶ Ver: BATALHA, C. H. M. Um socialista francês diante da escravidão no Brasil: Louis-Xavier de Ricard e o jornal Le Sud-Américain.

⁹⁷ “Rio de Janeiro, 1884, 156 p.” BLAKE, Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. v. 6 [Ed. Fac-similar Imprensa Nacional, 1900], p. 281.

⁹⁸ Rio de Janeiro: Ed. Église Positiviste du Brésil, 1902.

⁹⁹ Como Louis Couty.

No Rio, pequenos títulos aparecerão esporadicamente até o início do século XX (tabela em anexo), quando em 1908 o jornal *L'Écho du Brésil* (1908-11)¹⁰⁰ começa a ser publicado seguido da *Revue Franco-Brésilienne et des intérêts alliés* (1909-22), esta última a publicação francesa mais longeva do Rio de Janeiro de que temos notícia no período.

A *Revue Franco-Brésilienne et des intérêts alliés* (1909-22) não tem qualquer relação com outra revista do mesmo nome, *Revue Franco-Brésilienne* publicada em 1898, de Alfred de Carmand, e que reunia intelectuais como Olavo Bilac e Alcindo Guanabara,¹⁰¹ cuja inclinação satírica fazia alusão direta ao antigo jornal *Gil Blas*.¹⁰² O periódico publicado no século XX era de outra natureza. Visava representar os franceses no Rio de Janeiro, como quase sempre acontecia, e era uma caudalosa revista quinzenal com cerca de 30 páginas, número que variava em algumas edições, que podiam chegar a mais de 80 páginas. Dizendo-se “inimiga de polêmicas inconvenientes”,¹⁰³ promessa que obviamente não cumpre, mas que era recorrência em periódicos que se queriam mais profissionais, informativos e livres dos problemas com o governo brasileiro, começa a ser publicada em 6 de junho de 1909, trazendo uma alegoria sugestiva da ligação entre Paris e Rio de Janeiro pelo telégrafo (Figura 6). O segundo número só aparece seis meses depois, em janeiro de 1910, devido a dificuldades técnicas, para então manter o ritmo quinzenal a partir do ano seguinte. Foi uma revista importante e figurou como o principal órgão de representação francesa no Rio de Janeiro durante a Guerra, fazendo crítica ferina e direta aos “boches” pela pena de seu editor Émile Lambert. Ele combatia veementemente os franceses radicados no Rio que defendiam alemães (*les défaitistes*) ou simplesmente mantinham relações comerciais com os mesmos.¹⁰⁴

¹⁰⁰ Com o nome de *L'Écho du Brésil* aparecem na Biblioteca Nacional vários jornais: de 1859-1860, 1894-1895 e 1908-1910, mas, como dissemos, não trataremos de todos os casos aqui.

¹⁰¹ Segundo Letícia Canelas, também Coelho Neto.

¹⁰² Ver edição de 14 de julho de 1898.

¹⁰³ “Ennemi des polémiques inconvenantes”. REVUE FRANCO-BRÉSILIANNE ET DES INTÉRÊTS ALLIÉS, 6 jun. 1909.

¹⁰⁴ CORPS, G. La communauté française au Brésil durant la Première Guerre mondiale. In: POTON, D.; SYMINGTON, M.; VIDAL, L. (Org.). *Les migrations européennes aux Amériques: pour un dialogue entre histoire et littérature*. Rennes: CRHIA, Presses Universitaires des Rennes, 2012. n. 43, p. 177.

Figura 6 – No primeiro plano, vemos na alegoria duas mulheres representando as Repúblicas francesa (Marianne), segurando com uma das mãos o barrete frígio, e a brasileira (nela inspirada), segurando o Brasão da República. Ambas ostentam na outra mão um maço de louros, símbolo de vitória e glória, ligadas pelo que parece ser uma fâmula onde se lê “Pax – Labor” (Paz – Trabalho). No segundo plano, as paisagens com os símbolos da Torre Eiffel e do Pão de Açúcar simbolizam as capitais das duas nações, ligadas pelos fios de telégrafo que saem de um par de postes, ao fundo.



Fonte: REVUE FRANCO-BRÉSILIENNE. Rio de Janeiro, 15 jan. 1914.

Como não convém nos estendermos mais, deixaremos outras publicações (Tabela 1) para comentarmos em outra oportunidade e partiremos para a imprensa franco-paulistana.

A IMPRENSA FRANCESA EM SÃO PAULO

Foram bem mais tímidas as publicações franco-paulistanas, mas isso não exclui sua importância. Em um total de sete títulos conhecidos, dos três que vieram à luz em fins do século XIX, tivemos acesso somente ao *L'Éclairneur*. No século XX, do total de três, duas têm alguns exemplares acessíveis, *La Petite Revue* e *Le Messager de St. Paul* [*Le Messager de São Paulo*]. Vejamos a seguir.

L'Éclaireur: organe hebdomadaire indépendant (setembro/1895-?)

Com a epígrafe “Se compra mas não se vende”,¹⁰⁵ o volume desse jornal a que tivemos acesso, de outubro/novembro de 1895, já era o oitavo que vinha à luz. Não sabemos quando deixou de ser publicado. Também tinha mais duas epígrafes, uma em cada lado do cabeçalho, citando Montesquieu e a *Encyclopédie*, sinal de seu assumido liberalismo, mantendo a tradição da maior parte de seus congêneres do século XIX.¹⁰⁶ Sabemos pelo registro de Affonso A. de Freitas, provavelmente retirado da *Revista do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo*, que o número 1 foi publicado em 10 de setembro de 1895, uma terça-feira, embora a edição 8 que temos em mãos seja de 31 de outubro, o que sugere que era um hebdomadário que saía às quintas-feiras, ou seja, não é possível precisar o dia da semana em que era publicado.¹⁰⁷ Com escritórios em São Paulo, na ladeira São Francisco, 16, e tendo como editor Louis Viollet, pouco sabemos desse periódico. Escrito em francês, seus anúncios eram em sua maior parte em português, mostrando a integração com a sociedade de então ou a já provável absorção da língua portuguesa pelos leitores francófonos, em uma cidade em que a colônia francesa não era numerosa, mas já estava bem consolidada.

Centrado em questões relativas à comunidade francesa, suas páginas traziam uma polêmica com o primeiro cônsul da França em São Paulo, Georges Ritt, que atuou entre 1895 e 1898, quando a capital de São Paulo contava com cerca de 2500 franceses, dos quais cerca de quatrocentos eram comerciantes de alto padrão, segundo dados fornecidos pelo relatório de autoria do próprio G. Ritt.¹⁰⁸

A leitura de *L'Éclaireur*, porém, nos traz informações que não estão contidas nos papéis diplomáticos ou nos documentos oficiais. Dela depreende-se que foi publicada alguma carta no jornal brasileiro *O Nativista*, de inclinação

¹⁰⁵ No original: “S’achète mais ne se vend pas”. L'ÉCLAIREUR. São Paulo, 1895.

¹⁰⁶ “Notre patrie le seul objet dont l’espérance et la philosophie ne nous aient pas détachés” (Encyclopédie) e “Les pays ne sont pas cultivés en raison de la fertilité mais en raison de la Liberté” (Montesquieu).

¹⁰⁷ FREITAS, Affonso A. de. *A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Diário Oficial, 1915. p. 423.

¹⁰⁸ Cf. BARBUY, H. Comércio francês e cultura material em São Paulo na segunda metade do século XIX. In: VIDAL, L.; LUCA, T. R. (Org.). *Franceses no Brasil: séculos XIX e XX*.

socialista,¹⁰⁹ que desagradou o grupo organizado em torno de *L'Éclaireur*, auto-denominado “os dezenove”. O texto do *Nativista* estava sendo considerado injurioso à comunidade francesa e sua autoria estava sendo atribuída aos senhores M. Esquerre, Grillot e Taverne, que teriam sido acusados pelos senhores M. Thurat (que assina como “*homme de lettres*”) e Philippe Jousselin, os quais tiveram suas cartas de defesa publicadas nessa edição do jornalzinho francês. Eles seriam, segundo acusa o jornal, parte do “clã judaico-Ritt”. Esse estilo já denunciado em *J'accuse* permanece com frases do tipo “Os judeus devem fazer o eco retumbante e indignado das reivindicações dos dezenove”.¹¹⁰

Vários nomes da comunidade francesa aparecem citados em meio à polêmica e o jornal lega ao cônsul adjetivos nada lisonjeiros como “*pique-assiette*” (parasita, inconveniente, aquele que se convida para o jantar), “*pitre en scène*” (palhaço em cena) e muitos outros. Em tom de pasquim, em plena era de desenvolvimento da imprensa paulista e crescente profissionalização do *métier* jornalístico, *L'Éclaireur* dirige carta aberta a várias pessoas, autoridades inclusive, como ao *Ministre de France de Rio de Janeiro*, acusando G. Ritt de ser “um homem cujo caráter é estreito como o espírito, com o coração seco e duro, impiedoso, vingativo, malvado por gosto e hábito” e de “abuso de poder, divulgação de segredos profissionais, traição à Pátria, traição à honra, caluniador [...] adúltero, relapso etc. etc.”¹¹¹ *L'Éclaireur* destoa do nível de profissionalismo que alguns jornais franceses já haviam alcançado. As menções a nomes, rixas e desavenças, além do franco antisemitismo de Louis Viollet, acabam atingindo Eugène Hollender (futuro editor do *Messenger de St. Paul*), que é acusado de “agitar a opinião em favor do triste Senhor Georges Ritt”¹¹² pelas páginas de outro jornal francês, do Rio de Janeiro, *L'Écho du Brésil*.

¹⁰⁹ MARTINS, A. L. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008. p. 126; SODRÉ, N.W. *A história da imprensa no Brasil*, p. 265.

¹¹⁰ Para a citação anterior e esta: “Les juifs devaient se faire l'écho retentissant et indigne des revendications des dix-neuf. L'ÉCLAIREUR. São Paulo, p. 31, 31 out. 1895.

¹¹¹ Entre outras graves acusações, a de golpe em um casamento em Caracas, onde teria se passado por rico para casar com uma moça de família, recebendo do sogro 500 mil por mês, e a teria abandonado após vender suas joias. Ver: Lettre ouverte de M. les Rédacteurs de *L'Éclaireur* à Monsieur le Ministre de France de Rio de Janeiro (ÉCLAIREUR. São Paulo, p. 2, 1895).

¹¹² “Senhor” no original aparece como “sire”, que pode ser traduzido como senhor feudal.

Na “Segunda carta aberta a Georges Ritt”, escrita por M. de Taverne, há menções a Charles Hu, Conselheiro do Comércio Exterior da França, próspero comerciante de vinho e editor,¹¹³ que é por ele xingado de “tournebroche” (espeto rotativo) e de ser o lugar-tenente de G. Ritt, além de acusar “alguns bons judeus da rua XV de Novembro” de não venderem senão imitações de joias. Até Felix Bloch, da rica família de comerciantes Bloch Frères,¹¹⁴ não escapa das acusações de Taverne, que colocava a sua famosa loja de roupas Au bon diable sob suspeição. Essa carta parece esclarecer que toda a discussão gira em torno dos interesses comerciais e políticos da colônia paulistana. Não temos notícia de quando a publicação acaba.

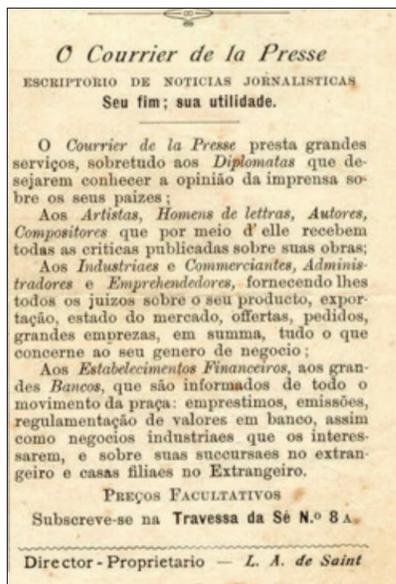
La Petite Revue: financière, économique, commerciale et littéraire (setembro/1902)

Com nome de revista e característica de jornal, o único exemplar a que tivemos acesso é de setembro de 1902 e sua “Administration” era na Travessa da Sé, n. 8A. Seu diretor era Louis A. de Saint, que informa que tirava quatro mil exemplares, distribuídos gratuitamente. Mantém alguma relação com o *Courrier de la Presse* do qual nada sabemos, salvo que fazia uma espécie de *clipping* para diplomatas, artistas e homens de letras em geral.

¹¹³ E que futuramente seria editor da revista *France-Brésil, revue mensuelle de propagande industrielle et commerciale* (publicada em Bordéus a partir de 1904). Cf. MARTINS, A. L. *Revistas em revista*.

¹¹⁴ Judeus franceses provenientes da região da Alsácia-Lorena.

Figura 7 – *La Petite Revue* mantinha relações com o *Courier de la Presse*, que fazia uma espécie de *clipping* das notícias dadas na imprensa nacional e estrangeira auxiliando diplomatas, empresários e artistas, espécie de precursor da assessoria de imprensa.



Fonte: LA PETITE REVUE. São Paulo, 9 set. 1902.

Possuía mais três agentes fixos em São Paulo, além do citado: na rua São Bento, no largo do Palácio e na rua do Carmo. E mais agentes em Piracicaba, São José dos Campos, Jacareí, São Carlos do Pinhal, Rio Grande (não diz se do Sul ou Norte), Pernambuco e Rio de Janeiro, além de *sous-agents voyageurs*, o que faz supor que tivesse grande alcance, como as tiragens demonstram.

Era um veículo publicado pelo Crédit Général Français (CGF), que vendia debêntures do governo francês (que eles chamavam de *obrigações*) ao público brasileiro, com o argumento de que eram mais seguras. Visavam conquistar um leitor menos abastado, democratizando o crédito ao pequeno comerciante: “A aquisição destas obrigações é assim posta ao alcance da numerosa classe dos pequenos capitais...”. Seu conteúdo era bilíngue, com uma *Section Française* e uma *Secção*

Brazileira como pode ser visto no sumário, na primeira página, e tinha como conteúdo matérias de educação financeira que visavam o investidor inexperiente.

Com uma estrutura muito próxima da imprensa comercial, provavelmente para tornar-se acessível a um público mais amplo, tinha, além das matérias relativas ao mercado financeiro, seções de anedotas, provérbios, poesia e crônicas, visando à difusão de uma ideologia de boas práticas financeiras e administrativas. O “literário” do título refere-se justamente às seções de variedades. Mas todos os assuntos voltam-se para as questões econômicas, com o claro intuito de formar (além de informar) um leitor brasileiro versado nas questões do crédito. E conquistar sua adesão ao CGF, naturalmente.

Le Messenger de St. Paul/ Le Messenger de São Paulo (1901-1924)

O jornal *Le Messenger de St. Paul* foi publicado durante duas dezenas de anos em São Paulo, de 6 de julho de 1901 a julho de 1924, totalizando 23 anos.¹¹⁵ Foi o mais importante jornal francês de São Paulo. Não sabemos exatamente qual foi a última edição, mas sabemos que o jornal foi fechado em julho durante a Revolução de 1924.¹¹⁶ A princípio o título vem em francês, *Le Messenger de St. Paul – feuille hebdomadaire – propriété d’une association* (26/10/1901). A associação referida era provavelmente a *Alliance Française*, cuja sede era no Rio de Janeiro e que tinha uma sucursal em São Paulo, ambas ligadas à comunidade judaica, segundo Egon e Frieda Wolf:

Os franceses, e entre eles os franceses israelitas, formavam um círculo fechado, possuindo suas próprias associações e sociedades. O Cercle Français, a Sociéte Française de Bienfaisance, o Comité 14 Juillet, a Câmara de Comércio Francesa, a Alliance Française são exemplos para

¹¹⁵ Publicamos dados sobre esse jornal no artigo a seguir e aqui os atualizamos: GUIMARÃES, V. Da História Comparada à História Global: imprensa transnacional e o exemplo do *Messenger* de São Paulo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, ano 176, n. 466, p. 11-272, jan./mar. 2015. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/itemlist/filter.html?searchword285=466&moduleId=150&ItemId=174>>. Acesso em: maio 2016.

¹¹⁶ “O sr. Eugenio Hollender foi diretor-proprietário do *Le Messenger de St. Paul*, jornal que fundou em 1889 [sic] e se publicou até julho de 1924, quando, devido a ocorrências anormais da revolução, teve as oficinas completamente destruídas”. NECROLÓGIO de E. Hollender. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 ago. 1931.

estas associações segregadas. [...] EUGÈNE HOLLENDER pertencia à Alliance Française desde 1890, participando do comitê ainda em 1892. O Sr. P. Lyon, da casa P. Lyon & C., era delegado da Alliance Française para São Paulo.¹¹⁷

O jornal adota o título em português a partir de 1905: *Le Messager de São Paulo: organe défenseur des Intérêts Français dans l'Amérique du Sud*. Até 1909, era a maior publicação em francês do eixo Rio-São Paulo, quando aparece no Rio de Janeiro *La Revue Franco-Brésilienne*. Sua importância era considerável no contexto da imprensa francesa, pois exercia um papel importante para a colônia francófona de São Paulo, tratando-se, em particular, de órgão de representação e lugar de concentração das atividades burocráticas para os estrangeiros, muito além de uma simples redação.

Era um hebdomadário que saía aos sábados, em formato tabloide (48,5 x 33cm), com quatro páginas de quatro colunas, sendo três delas de texto e uma de anúncios. Algumas edições com seis páginas chegaram a sair, mas não era regra. Fica um pouco maior em 1902 (54 x 40cm), para então passar ao grande formato em 1906, com 7 colunas (57 x 72cm). Durante a Guerra, as dimensões são reduzidas devido à crise do papel.¹¹⁸ O exemplar avulso saía inicialmente a 200 réis, o dobro das folhas comerciais brasileiras, o que o tornava caro para um leitor ordinário. No Natal de 1901, o editor agradecia a seus leitores “franceses, belgas, suíços e brasileiros”, pista que ajuda a sustentar a hipótese de que os consumidores de jornais franceses não se restringiam à colônia.¹¹⁹

Foi fundado por Eugène Jules Jacques Hollender de Jonge, francês de origem judaica, natural de Dunquerque, região na fronteira com a Bélgica e de cultura flamenga. Embora formado em engenharia, não exercia a profissão no Brasil, tendo se dedicado a lecionar idiomas e piano no interior de São Paulo, em Capivari, onde se casa com Maria Dias de Almeida em 1888. Logo depois, mudou-se para a capital onde passou a trabalhar como intérprete e tradutor jura-

¹¹⁷ WOLFF, E.; WOLFF, F. *Judeus nos primórdios do Brasil República*: visto especialmente pela documentação do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Israelita H. N. Bialik, Centro de Documentação, 1979. p. 194-195.

¹¹⁸ LE MESSENGER DE ST. PAUL. São Paulo, 23 maio 1916.

¹¹⁹ LE MESSENGER DE ST. PAUL. São Paulo, 28 dez. 1901.

mentado no foro paulista, atuando na Alfândega de São Paulo, na Associação Comercial e também nos consulados da França, Rússia, Itália, Inglaterra, Suécia e Noruega, tendo ainda sido subdelegado de polícia e despachante no início da década de 1890. Em fins do século XIX, foi correspondente em São Paulo de dois jornais franceses publicados no Rio de Janeiro, *Le Brésil Républicain* e *L'Écho du Brésil*.

Paralelamente, mantinha uma loja de “artigos de música, antiguidades, pinturas etc.” na região central de São Paulo – várias partituras da época levavam seu selo.¹²⁰ Finalmente, no início do século XX, se lança na aventura de editar seu próprio jornal, *Le Messenger de St. Paul*, que vem à luz em 1901, como vimos acima, mantendo um ritmo de publicação admirável para os padrões do país, onde várias folhas vinham à lume para logo sucumbirem a todo tipo de dificuldade.

Apesar de ser um jornalista atuante no período da Primeira República, seu nome é praticamente ignorado na bibliografia sobre história da imprensa.¹²¹ O que Hollender veio fazer no Brasil não está claro ainda, mas é fato que estava engajado na difusão da cultura francesa. Seu jornal era bem conhecido e sua figura, respeitada pela elite paulistana e valorizada pelas autoridades francesas que o tomavam por representante oficial da colônia em São Paulo. Em 1906 foi nomeado pelo governo francês para formar um comitê de brasileiros importantes para irem a Paris a fim de estreitar os laços entre os dois países.

Esse personagem multifacetado também atuou como editor de livros como o *Flore Médicale Brésilienne* (1920), do Dr. Monteiro da Silva, médico do Rio de Janeiro pioneiro em fitoterapia, obra totalmente escrita em francês. Em junho de 1831, o jornal *O Estado de S. Paulo* anuncia uma doação de René Thiollier de 200 mil-réis ao “velho jornalista sr. E. Hollender, atualmente doente e impossi-

¹²⁰ Sendo “tradutor da Alfândega de São Paulo, da Associação Comercial e tradutor oficial dos Consulados da França, Rússia, Itália, Inglaterra, Suécia e Noruega”, como informa o *Almanak Laemmert* de 1901 no qual aparece uma referência a ele na rubrica “Intérpretes do Comércio – Eugênio Hollender, r. Direita, 18. José Riscallah, r. Marechal Deodoro, 2; Khalil Kury, r. 15 de novembro, 31”. Ver: ALMANAK LAEMMERT DO RIO DE JANEIRO PARA 1901, p. 1446. Ver também: Decreto n. 3.544, de 30 de dezembro de 1899.

¹²¹ É citado pelo bibliógrafo Manuel Viotti em seu “Censo: a imprensa paulista em 1904”, publicado no *Almanaque Brasileiro Garnier* de 1905. Esse jornal também constava em propagandas no mesmo Almanaque em 1909 e 1911.

bilitado de trabalhar”.¹²² Pouco tempo depois ele veio a falecer, em 10 de agosto do mesmo ano.

Dava destaque nas seções do *Messenger* à questão da imigração francesa para São Paulo, mas também para o Espírito Santo, Paraná e Rio Grande do Sul. Tratava do papel da cultura francesa no Brasil e no mundo; das questões políticas e culturais em solo francês, com resenhas de livros, concertos e da “*vie artistique parisienne*”; dos interesses comerciais francófonos, com a publicação de notícias e boletins dos consulados francês, belga e suíço, assim como de associações como a Alliance Française,¹²³ Cercle Français e outros. Comentava sobre as características geográficas do país, seus recursos naturais e as condições adversas das doenças tropicais, o que abria espaço para notas sanitárias e crônicas médicas. As notícias da Guerra também tinham largo espaço. E ainda apresentava uma seção de *faits divers*, de folhetim e coberturas especiais às festas nacionais francesas realizadas em São Paulo, com forte mobilização da colônia, mas também de autoridades brasileiras.¹²⁴

O programa do *Messenger* paulista repete as intenções de tantos outros jornais franceses, que eram representar a colônia e não se envolver nas questões políticas locais, promessa quase nunca cumprida: “*Son but est commercial, rien de plus*” e “*Il défendra les intérêts de tous ceux qui ont la langue française pour idiome national et il cherchera à développer les relations étrangères et celles du Brésil*”.¹²⁵ Mas os temas políticos são sempre presentes nesse hebdomadário e seu editor era frequentemente implicado em polêmicas locais.

Servem de exemplo os frequentes ataques sem rodeios aos “boches”, acusando-os de cometerem barbáries na Guerra, e tal ódio se estendia aos alemães no Brasil. Uma resenha crítica de Hollender ao livro de Raoul S’Arcanthy, *Le Pan Germanisme au Sud du Brésil*, porém, causa mal-estar na comunidade. Hollender denuncia o autor por sua simpatia aos “boches” ao que o mesmo se defende nas

¹²² O ESTADO DE S. PAULO, São Paulo, 24 jun. 1931.

¹²³ Da qual chega a publicar relatórios integrais (LE MESSENGER DE ST. PAUL, São Paulo, 12 maio 1923) nos quais consta ter, no Rio de Janeiro, cerca de 400 alunos, dentre os quais os mais numerosos eram brasileiros, portugueses e italianos.

¹²⁴ O aluno de Iniciação Científica Junior Mendonça Gomes nos ajudou a fazer uma tabela com o nome de todas as seções desse jornal.

¹²⁵ Não conseguimos ler essa edição. Essas informações foram retiradas de uma folha avulsa, um recorte de jornal que citava o programa do primeiro número.

páginas da *Revue Franco-Brésilienne*, com apoio de seu editor Émile Lambert, que suspeita que a leitura de Hollender foi superficial e que ele não compreendeu o livro, o qual defendia os franceses – e não os alemães do Brasil. De qualquer forma, a rivalidade entre as duas nações remete à inculcada animosidade existente desde a Guerra Franco-Prussiana e era um tópico recorrente no *Messenger*, perdendo apenas para a questão da imigração.

Entre os colaboradores estavam seu administrador, Júlio de Andrade, cujo nome deixou de ser citado a partir de 1902, quando, provavelmente, Hollender passa a administrar o jornal sozinho. Nesse mesmo ano a referência à “Associação” também não aparece mais, porém o periódico continuou sendo porta-voz dessa e de outras associações francófonas. A partir de 1902, o jornal traz o subtítulo *Organe Républicain des Intérêts Français dans l’Amérique du Sud*. A intenção de representar os franceses nas Américas parece ambiciosa, mas, de fato, as relações com os outros países latinos, sobretudo a Argentina, eram sólidas. O jornal *L’Étoile du Sud*, de Charles Morel, era seguramente o órgão francês que tinha mais conexões com a numerosa colônia franco-argentina. Hollender era o representante desse jornal em São Paulo¹²⁶ e admirava muito seu editor, fazendo várias menções honrosas ao exaltar o papel exercido por ele como mediador cultural entre a França e o Brasil. O mesmo pode ser notado em relação a Émile Lambert, o que demonstra a formação de uma rede muito difundida entre os homens da imprensa francesa no Brasil. Eles são os “homens duplos”, conforme a definição de Christophe Charle, cuja função era também a de “formadores de opinião”.¹²⁷

Entre os colaboradores, nós temos vários nomes: F. Marius, J. L. Halphen, Vicomte de Saint Léger, George Géville, P. Fox, Émile Vandeuplas, Madeleine Bastille, Hyppolyte Pujol, Henri Ceard, Marvel Prevost, Clément Vautel, G. Bourge, Maurice Rondet-Saint, Henry Beautemps, François Veillot etc. etc. Os redatores fixos eram Jean Bernard com sua coluna “Billet Parisien”, I. R. Ferdinand Duval e Amédée Marandet, correspondentes em Paris da seção literária, artística e teatral (este último era responsável pela rubrica “La Vie

¹²⁶ WOLFF, E.; WOLFF, F. *Judeus nos primórdios do Brasil República*, p. 208.

¹²⁷ CHARLE, Christophe. Le temps des hommes doubles. *Revue d’histoire moderne et contemporaine*. Paris, v. 39, n. 1, p. 73-85, jan.-mar. 1992. Tradução nossa.

Artistique Parisienne”), e Adrien Delpech, correspondente no Rio com sua “Chronique de Rio”. As autoridades estrangeiras e brasileiras estão também presentes nas páginas do *Messenger*.

Por vezes essas participações são traduções de comunicados oficiais (como o relatório do então presidente Rodrigues Alves sobre a questão da imigração ou as considerações sobre as condições econômicas feitas pelo secretário de Estado das Finanças Washington Luís). Mas o mais comum é a participação direta com textos especialmente enviados para Hollender por autoridades francesas no Brasil. Homens de letras brasileiros também publicavam nesse jornal, como Mário de Lima Barbosa, Aníbal Machado, entre outros. E algumas mulheres aparecem no time de Hollender, como Suzanne Caron e Jane Valognes.

Apesar desse extenso número de colaboradores, os redatores fixos não passavam de três ou quatro e, definitivamente, o *Le Messenger de St. Paul* não parece ter sido uma empresa grande e complexa. É possível que seu editor tenha enfrentado desafios para manter-se na ativa, como as várias mudanças de endereço da redação e mesmo de fornecedores levam a crer (o jornal antes era impresso na Typ. da Comp. Industrial de São Paulo e muda para a oficina de Duprat & Comp. São Paulo), provavelmente procurando controlar as despesas.

Fechando o ciclo, Hollender anunciava seu jornal no Almanaque Brasileiro Garnier, deixando claro como o circuito do impresso periódico estrangeiro formava uma rede complexa de pessoas e instituições que nos revelavam não só práticas jornalísticas, mas também a ação desses grupos no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter conseguido responder a algumas das questões iniciais nesta investigação sobre os periódicos franceses publicados no Brasil. A hipótese de que o período por nós escolhido pode ser entendido como uma “era de ouro” da imprensa francesa sustenta-se pelo aumento e incremento dos títulos compulsados. Os motivos que justificavam tais publicações parecem ficar claros quando vemos a necessidade de representação das comunidades imigrantes e suas associações, em um contexto em que os imigrantes não tinham órgãos oficiais que os defendessem. Ao lançar mão das já existentes condições favoráveis à recep-

ção da cultura francesa pela francofilia em vigor, esses órgãos tentam perpetuar um mito da predominância da dita “influência” francesa, em um movimento de afirmação que mal disfarça as frestas abertas à resistência por certos grupos mais críticos a tal hegemonia.¹²⁸

Nesse breve passeio de quase um século, foi possível conhecer um pouco dos diversos estilos existentes nessa imprensa, uma tipologia não muito variável, se vista genericamente (jornais de cunho informativo voltados às colônias francófonas), mas que apresenta importantes nuances, se observada mais de perto (jornais mais voltados ao entretenimento ou à pura polêmica política, outros voltados aos interesses comerciais e vários às questões concernentes à imigração), a ponto de podermos vislumbrar alguns dos grupos representados. Ou mesmo descobrir dados inéditos, como um B. L. Garnier editor de jornal; tomar conhecimento de alguns dos conflitos existentes ainda não documentados no seio de grupos que pareciam homogêneos; ou revelar nomes até então completamente desconhecidos das historiografias brasileira e francesa.

Enfim, se não foi possível nos aprofundar em algumas biografias, pudemos perceber um pouco da importância desses *passeurs culturels* dentro da dinâmica sociocultural do ambiente intelectual da época, e fica clara a profusão de mediações e redes formadas pelo relacionamento entre os editores, jornalistas, correspondentes, tradutores, homens de letras e de negócios do lado de cá e de lá do Atlântico. Muitas vezes, um mesmo nome aparece associado a mais de um jornal, desvelando uma intrincada rede de relacionamentos e trocas culturais.

Esperamos ter demonstrado que os periódicos franceses também contam, a seu modo, a história da imprensa no Brasil. Eles relacionavam-se com os períodos por ela percorridos, dialogavam com seus estilos, ditavam seu modo de fazer jornalismo e deixaram seu registro por vezes irônico, por vezes arrogante, mas quase sempre engajado, mostrando que tinham um papel ativo na sociedade que os acolheu.

Os próximos passos dessa pesquisa consistem em continuar procurando coleções de periódicos franceses publicados no Brasil, completando a tabela em anexo (Tabela 1) com exemplares ou títulos ainda desconhecidos e continuar investigando o papel dos mediadores.

¹²⁸ Como a Geração de 70, no campo intelectual, a crescente presença inglesa como referência econômica e também intelectual ou mesmo à força da ascensão alemã, posteriormente, durante os tempos da Grande Guerra.

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores	Páginas Observações Acervo
Courrier du Brésil: politique – littérature – revue des théâtres – sciences et arts – industrie – commerce	1854-1862 RJ FR	Adolphe Hubert	Hebdomadário (domingo)	Imprimerie de George Leuzinger Typ. Americana de José Soares de Pinto Imprimerie de Nicolau Lobo Vianna & Fils	Bureau du Journal - Livraria Pinto & Waldemar (rua do Ouvidor, 87) Bureau du Journal - Passage Jeolas (rua do Ouvidor, 107) Bureau du Journal (rua do Rosário, 104) Bureau du Journal (rua do Rosário, 100) Bureau du Journal (rua do Ouvidor, 112)	8 Proscritos: <i>les quarante-huitards</i> no Brasil BNHD
Les Veillées: Brésiliennes: revue hebdomadaire	1857 RJ FR	–	Hebdomadário	–	–	– Sem acesso ao periódico Citado por Ramiz Galvão
L'Écho de l'Atlantique: organe des intérêts français paraissant les dimanches et jeudi de chaque semaine	1858 RJ FR	A. Deyme & Ce Éditeurs-Propriétaires	Bi-hebdomadário (quinta-feira e domingo)	–	Bureau du Journal (rua S. José, 23) MM. Morange & Ce (rua do Ouvidor, 50)	4 – BNHD
Figaro Chroniqueur: journal critique, comique, satyrique, anecdotique, récréatif et amusant, publication antipolitique et anti-scientifique	1859 RJ FR	Arthur de Mouton (Pseudônimo de Altève Aumont?)	Hebdomadário (quinta-feira)	Imprimerie Moderne de Georges Bertrand	Bureau du Journal - Librairie Firmin Didot, Morizot et Cie. (rua do Ouvidor, 112) Bureau du Journal - Librairie Waldemar - Sr. de Firmin Didot, Morizot et Cie. (rua do Ouvidor, 112) Principais Livrarias do RJ	4 – BNHD

Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924)

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores	Páginas Observações Acervo
L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud	1859-1860 RJ FR	Altève Aumont Baptiste Louis Garnier (a partir de 11/3/1860)	Hebdomadário (domingo)	Imprimerie Moderne	Bureau du Journal (rua do Rosário, 100) Bureau du Journal - Librairie B. L. Garnier (rua do Ouvidor, 69) M. L. Mège - Montevideú - Uruguai (rua do 25 de maio)	16 a 22 Dois suplementos por mês, a partir de 15/1/1860. BNHD
Le Brésil: ce journal destine a mettre le Brésil en relation avec l'Europe paraît quatre fois par mois, à l'arrivée et au départ des paquebots transatlantiques	1862-1863 RJ FR	Flavio Farnèse	–	Typographie Atualidade	–	– – BN- Extraviado
Le nouvelliste de Rio de Janeiro: Journal politique, littéraire et commercial	1863 RJ FR	H. Rautenfeld L. A. Nerciat	Bi-hebdomadário (quinta-feira e domingo)	Typographie Universal de Laemmert	Bureau du Journal (rua Direita, 46) Paquetes e navios de guerra que passam pelo porto do RJ.	4 Circula em Paris, Bruxelas e Londres Não é a “Nova encadernação de <i>Le nouvelliste</i> de 1837”, como afirma Gondin da Fonseca. BNHD

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores*	Páginas Observações Acervo
Ba-ta-clan: chinoiserie franco-brésilienne, journal satyrique, journal satyrique illustré	1867 1868 1869-1871 RJ FR	Charles Berry	Hebdomadário (sábado)	Imp. et Lith. de Ba-ta-clan Typographie et Lithographie Franco-Americana	Bureau du Journal - MM. Fauchon et Dupont, libraires (rua Gonçalves Dias, 75) Bureau du Journal (rua do Hospício, 133) M. Leuzinger (rua do Ouvidor, 36) M. Garnier (rua do Ouvidor, 67) M. Lombaerts (rua dos Ourives, 17) MM. Buchard & Auberti (rua da Assembleia, 83) M. L. A. Garraux (São Paulo) MM. de Lailhacar (Pernambuco) Mme. veuve Marcus, libraire (Porto Alegre) M. Joaquim José de Oliveira (Ceará) Costa et Richard (Santa Catarina) M. J. T. Crehuet (Pelotas - RS) MM. Lacroix, Verboeckhoven et C ^e , Librairie Internationale (Paris) MM. Morin et Ce. (Bordeaux) M. E. Fouaignan, Librairie Moderne (Bordeux)	4 a 8 Ilustrações de Joseph Mill e Alfred Michon. BNHD

Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924)

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores*	Páginas Observações Acervo
La Gazette du Brésil: édition des paquebots transatlantiques, journal politique, commercial, agricole et littéraire, journal international, politique, commercial, agricole et littéraire	1867 (abril) 1867 (agosto) 1867 -1868 (dezembro) RJ FR	Louis Sauvages (fundador) Georges Gatineau (redator-chefe que se torna proprietário a partir do n.8, agosto/1867, quando L. Sauvages vai para a Europa)	Quatro vezes por mês (dias 1º e 15 de cada mês e nas partidas dos paquetes transatlânticos)	Typ. de Domingos Luiz dos Santos	Bureau du Journal - Librairie de la Maison Impériale - MM. Fauchon et Dupont, libraires (rua Gonçalves Dias, 75) Bureau du Journal (rua São José, 33) - continua sendo vendido na Librairie de la Maison Impériale Maison de change (rua Direita, 9) Hôtel de France (largo do Paço, 12) Maison Cassemajou (rua do Ouvidor) Aux deux Oceans (rua do Hospício, 152) Paquetes transatlânticos Librairie Internationale (Paris) M. Laporte, libraire (Havre)	4 <i>Supplement à la Gazette du Brésil – Bulletin Commercial</i> – publicado e entregue aos assinantes a partir de 23/1/1828, duas vezes por mês, na véspera da partida dos paquetes franceses e ingleses. BNHD
L'Estafette du Brésil: journal littéraire	1867-1874 RJ FR	Pires de Almeida Le Comte de la Hure (V.L. Baril)	Bi-hebdomadário (quarta-feira e sábado)	Typ. Thévenet et Cie. Typ. Franco-Americana	–	4 (6?) – BnF BNPR

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores*	Páginas Observações Acervo
Le Courier de Rio de Janeiro	1871-1873 RJ FR	Charles Berry	–	–	–	– Sem acesso ao periódico. Citado por Nelson Werneck Sodré. Citado pelo jornal <i>O mundo da lua -folha illus- trada, lunática, hyperbólica e satyrica</i> (1871)
France et Brésil: journal français	1874-1875 RJ FR	P. L. Basseux et C ^o Capitão José Dias da Costa	Diário (maio 1875) Semi-diário (junho de 1875)	Typ. Cosmopolita	Bureau du Journal (rua Gonçalves Dias, 75) Bureau du Journal (rua Sete de Setembro, 142) Rua do Sacramento, 5 Rua do Regente, 11	4 – BNHD
Le Gil Blas: journal politique, satyrique et artistique	1877-1878 RJ FR	Émile Deleau (Fantasio)	Hebdomadário (domingo)	Typ. da Gazeta de Notícias	Bureau du Journal (rua do Ouvidor, 37)	4 Continua como <i>Le Messager du Brésil.</i> BNHD
Le Messager du Brésil: journal français [sem subtítulo] journal français bi- hebdoma- daire	1878-1880 1882 1883-1884 RJ FR/ PORT	Émile Deleau Georges Lardy	Hebdomadário até 1883 (domingo) Bi- hebdomadário em 1884 (quinta-feira e domingo)	Typ. da Gazeta de Notícias Imprimerie et Typographie du Messager du Brésil [caractères de la maison Bouchad et neveu - machine Marinoni]	Bureau du Journal (rua Nova do Ouvidor, 37) Bureau du Journal (rua Sete de Setembro, 131)	4 a 8 Antigo <i>Le Gil Blas.</i> BNHD

Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924)

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores*	Páginas Observações Acervo
Revue de France et du Brésil	1884 RJ FR/ PORT	Émile Deleau Georges Lardy Louis Couty Antônio da Silva Prado Rodolpho Epiphanio de Souza Dantas Alfredo d'Esgagnolle Taunay J. C. Ramalho Ortigão José Ferreira de Souza Araújo	Mensal	Imprimerie et Typographie du Messenger du Brésil	Bureau du Journal (rua Sete de Setembro, 131) MM. Faro & Lino (rua do Ouvidor, 74) Maison Garraux, Fischer Fernandes & C.	130 a 150 Revista impressa pelo <i>Le Messenger du Brésil</i> . BNP
Le Sud Américain journal: hebdomadaire – Organe des Intérêts français dans l'Amérique du Sud	1885-1886 RJ FR	L. Xavier Richard A. George Lardy (até 20/09/1885)	Hebdomadário (domingo)	Typographia Italiana de Léo F. Spandonari Typ. União Imprensa Industrial	Bureau du Journal (rua dos Ourives, 50) Bureau du Journal (rua da Quitanda, 16) M. Pierre Martin (Distribui para toda São Paulo - Sede em Santos) MM. Ch. Dupin (Juiz de Fora) MM. Charline (Pernambuco) Maizeron, Libraire (Porto Alegre) Jeronymo Delsuc (Bahia) Genoud (Campinas) MM. Garraux & Fischer J. B. Loubet (Buenos Aires)	4 Especial Revolução Francesa (14/07/1885) BNPR

ESCRITOS IX

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores*	Páginas Observações Acervo
La France: journal hebdomadaire paraissant le jeudi	1885 RJ FR	P. Labarrière	Hebdomadário (quinta-feira)	Typ. Central	Bureau du Journal (rua Sete de Setembro, 83)	4 Folhetim <i>Le Mulâtre</i> - romain brésilien par Aluizio de Azevedo (traduit du portugais) BNPR
L'Avenir du Brésil: journal français paraissant le samedi matin	1885 RJ FR	A. Reynaud (administrateur- -gérant) A. Lenoir (secretaire de la direction)	Hebdomadário (sábado)	Tip. Mont'Alverne (largo da Carioca)	Bureau du Journal (rua Sete de Setembro, 83) Argentina Uruguai França Todos os países da União Postal	4 - BNPR
Revue commerciale financière et maritime de la Place et du Port de Rio de Janeiro	1882-1885 RJ FR/ PORT	H. Morel Ch. Morel	Quinzenal (dias 1º e 15 de cada mês; depois muda para dia 20 de cada mês)	Typ. da Gazeta de Noticias Typ. Imp. et Const. de J. Villeneuve	Bureau du Journal (rua do Ouvidor, 74) Bureau du Journal (rua Nova do Ouvidor, 2) Bureau du Messenger du Brésil (rua Sete de Setembro, 131) MM. Faro & Lino. Librairie Contemporaine (rua do Ouvidor, 74) Paquetes	2 a 6 Continua como L'Étoile du Sud. BNHD

Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924)

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores*	Páginas Observações Acervo
L'Étoile du Sud: Ex-Revue commerciale financière et maritime de l'Empire du Brésil	1885-1887	H. Morel (1882)	Quinzenal (dias 5 e 20 de cada mês)	Typographia Montenegro	Bureau du Journal (rua Nova do Ouvidor, 2)	4 a 22 <i>Antiga Revue commerciale financière et maritime.</i>
Revue commerciale financière et maritime de l'Empire du Brésil	1888-1890	Ch. Morel (1882-1895) G. Belliard (1885)	Diário (a partir de set-dez/1885)	Typ. Imp. et Const. de J. Villeneuve	Bureau du Journal (rua Sete de Setembro, 33)	Adota novo nome na edição n. 76, de 5 a 20/08/1885, ainda sob a direção de Charles Morel.
Revue commerciale financière et maritime – propriété d'une société en commandite simple	1891	Mário Bulcão (1888) G. Lemonnier (1888)	Quinzenal (dias 5 e 20 de cada mês, a partir de janeiro/1886)	Imprimerie Étoile du Sud de Ch. Morel, Hermann et C.	Bureau du Journal (rua Gonçalves Dias, 83)	Ch. Morel é referido como fundador, depois como fundador e redator-chefe.
journal politique, littéraire et financière – propriété d'une société en commandite simple	1892	M. X. Nemo (1888-1892) M. de la Tour (1888; 1889) N. Khaled (1890)	Hebdomadário (sábado)		Bureau du Journal et Imprimerie (rua de S. José, 102)	Edições Especiais -14/07/1889
journal commercial et financier	1895	J. Pharés (1890) E. Allain (1892; 1895)	Quinzenal		Bureau du Journal (rua Nova do Ouvidor, 19)	-14/07/1895.
unique journal, au Brésil, en langue française – propriété d'une société en participation	1901-1902	Henri Morel Fils (assina H. Morel - 1895; 1903 em diante)	Hebdomadário (sábado)		Bureau du Journal et Imprimerie (rua de S. José, 108)	Edições Especiais -14/07/1889
revue politique, commerciale et financière	1903-1904	George Grimaldi (1895)	Hebdomadário (domingo)		Postos de Correios	Edições Especiais -14/07/1889
journal politique, commercial et financier	1905,1912, 1924	Em. Allain (1903)			Hotéis do RJ Transatlânticos	Edições Especiais -14/07/1889
journal politique, littéraire et financier	[Édition Spéciale] [?]	Mario Bulcão (1910-1911)				Edições Especiais -14/07/1889
	RJ					Edições Especiais -14/07/1889
	FR/PORT					Edições Especiais -14/07/1889
L'Echo des États-Unis du Brésil et de l'Amerique du Sud	1888	–	–	–	Imprensa Rio de Janeiro: [s.n.]	– Sem acesso ao periódico. BN- Extraviado

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores*	Páginas Observações Acervo
Le Brésil Républicain	1890-1897 RJ FR	A.F. Reynaud	Bi- hebdomadário	–	Besnard Frères	4 Mesmo editor de <i>L'Avenir du Brésil</i> . Em 1895 publicam o <i>Almanach du Brésil Républicain</i> . BNPR - Extraviado
Les Folies Bergères	1892	–	–	–	–	– Sem acesso ao periódico. Citado por Gondin da Fonseca.
Le Petit Journal de Rio de Janeiro	1893 RJ FR	Alphonse Roche Gaston Poulain	Bi- hebdomadário	–	Bureau du Journal (rua do Ouvidor, 83) Achille Ferry, Agência Jornalística (São Paulo) MMrs. Torres et Ce., librairie et papeterie (Juiz de Fora) Mr. Paul de Roquemaure (Minas Gerais) Mr. Bezerra de Menezes (Ceará)	4 Correspon- dentes quinzenais de Bruxelas e de Gênova. Folhetim “O Guarany” de José de Alencar (Traduction spéciale pour <i>Le Petit Journal</i>). BNPR

Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924)

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores*	Páginas Observações Acervo
L'Écho du Brésil: organe français de Rio de Janeiro	1893-1895 RJ FR	J. Cateysson (adm) G. Grimaldi	Tri- hebdomadário (quarta-feira, sexta-feira e domingo)	–	Bureau du Journal (rua da Assembleia, 75) São Paulo Ouro Preto Campos Campinas Ribeirão Preto Nova Friburgo Petrópolis Porto Alegre Juiz de Fora Bahia Pernambuco Fortaleza	4 Tem página de “Annonces de St. Paul”. Edição comemo- rativa do 14 de julho com vários franceses assinando “Viva a República”. BNPR-SOR
Revue Médico-chirurgicale du Brésil	1894 RJ FR	–	–	–	–	– Sem acesso ao periódico. Citado por A. L. Garraux.
Le Timbrophile brésilien	1896 RJ FR	–	–	–	–	– Sem acesso ao periódico. Citado por Gondin da Fonseca. MHNRJ - extraviado.

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores*	Páginas Observações Acervo
Revue Franco-Brésilienne: Paraissant tous les samedis	1898 RJ FR/ PORT	Duncan Wagner (D.W.) Alfred de Carmand	Hebdomadário (sábado) Bi-hebdomadário (dias 5 e 20 de cada mês)	Casa Mont'Alverne Typ. Miotto	Bureau du Journal (travessa do Rosário, 15) São Paulo Brasil (demais estados) América do Sul França e União Postal	40 A coluna <i>Silhouettes Contemporaines</i> traz o perfil de vários intelectuais brasileiros. <i>Supplement de La Revue Franco-Brésilienne</i> - edição comemorativa do 14 de julho (15/11/1898). BNHD
L'Écho du Brésil	1908-1911 RJ FR	–	–	–	–	– Sem acesso ao periódico. Citado por Gondin da Fonseca.
Revue Franco-Bresilienne et des intérêts alliés [Sem subtítulo] Seul et unique organe exclusivement français au Brésil Unique organe exclusivement dédié à la défense des intérêts français au Brésil La plus importante, la mieux illustrée, et la plus utile aux intérêts français et alliés de l'Amérique du Sud	1909-1910 1911-1912 [?] 1913-1916 1917 1918-1922 RJ FR	Émile Lambert G. Pradez	Bi-hebdomadário (quarta-feira e sábado)	Imprimerie de E. Lambert	Bureau du Journal (avenida Rio Branco, 60) Bureau du Journal (rua do Rosário, 120) Rua da Constituição, 72-74 Librairie H. Garnier (rua do Ouvidor, 109) Librairie F. Briguet & C. (travessa do Ouvidor, 20) Librairie Reynaud (rua do Ouvidor, 105) M. Hollender (São Paulo) Bureau du Journal M. D/ Merlaud M. G. Ficker (Paris)	9 a 82 Não era a única publicação em francês do Brasil, como diz o título. BNHD

Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924)

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores*	Páginas Observações Acervo
Revue française de la province de S. Paulo	1887-1888 SP FR	–	–	Typ. et lith. Compagnie industrielle S. Paulo	–	– Sem acesso ao periódico. Citado por A. L. Garraux.
Le Progrès: journal brésilien-français	1894 SP FR/PORT	–	–	–	–	– Sem acesso ao periódico. BNPR
L'Éclaireur	1895 SP FR	Louis Viollet	Quinzenal (dias 1º e 15 de cada mês)	–	Dépôt du Journal – Crémerie Pereira (rua do Rosário, 14)	4 Antissemita Apesp (IHGSP)
La Petite Revue: financière, économique, commerciale et littéraire	1902 SP FR/PORT	Crédit Général Français	–	Typ. Vanorden & Co.	Bureau du journal - Emilio Lago (travessa da Sé, 8A) Rodolpho Barros (rua S. Bento, 50) Arnaldo Carnevali (rua do Carmo, 13 A) Agentes ambulantes (Sous-agents voyageurs) José dos Santos Vieira Francisco Artuori Octavio Rangel Modesto Risso Representantes no interior de SP Piracicaba S. José dos Campos Jacaré S. Carlos do Pinhal Representantes no exterior (do Estado de SP) Rio Grande Pernambuco Rio de Janeiro	8 É um jornal. Tiragem de 4 mil exemplares. Apesp (IHGSP) BNPR

Título	Ano Local Idioma	Editor e/ou Administrador	Periodicidade	Tipografia	Distribuidores*	Páginas Observações Acervo
Le Messenger de St. Paul	1901-1903 [M. de St. Paul]	E. Hollender Julio de Andrade	Hebdomadário	Typ. da Comp. Industrial de S. Paulo Duprat & Comp. São Paulo	Bureau du journal (Rua Direita- Sobrado)	4 a 6 –
Le Messenger de São Paulo	1904-1924 [M. de São Paulo] SP FR				Bureau du journal (Rua da Caixa D'água, 6 - Sobrado) Bureau du journal (Rua Senador Feijó, 27) Bureau du journal (Travessa da Sé, 7) Bureau du journal (Rua Wenceslau Braz, 7) Charutaria Guimarães Charutaria do Café Internacional Estação da Luz A Plateia Rotisserie et Librairie Scafuto A. F. Reynaud (RJ) Casa Garnier Victor & Co. Bd. de Strasbourg (Paris)	BNPR BD-Unesp
Le Journal Français du Brésil: organe des intérêts français au Brésil	1903-1904 SP FR	–	–	–	–	– – Apesp (IHGSP) Citado por Antônio Barreto do Amaral.

NOTAS METODOLÓGICAS

01. Esta tabela não se pretende exaustiva e tem como base a obra de Gondin da Fonseca e a tabela de Letícia Canelas.
02. Reporta-se não somente aos dados achados nos maiores acervos públicos de São Paulo e Rio de Janeiro (Arquivo Público do Estado de São Paulo e Biblioteca Nacional, respectivamente), mas a registros e menções em outros acervos, catálogos antigos, outros jornais etc.
03. Dados de Gondin da Fonseca e Letícia Canelas que foram revisados: os jornais *Foyer* e *L'Entracte* não são escritos em francês, mas em português. *Positivisme et L'affitisme* não é jornal, é um opúsculo de 156 páginas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. B. *O Departamento do Arquivo do Estado e a sua história*. São Paulo: Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo/Editoras Unidas, 1974.
- CANELAS, L. G. Tabela Jornais publicados em língua francesa no Rio de Janeiro no século XIX. In: VIDAL, L.; LUCA, T. R. (Org.). *Franceses no Brasil: séculos XIX e XX*. SP: Ed. Unesp, 2009. p. 311-318.
- FONSECA, G. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*. RJ: Livraria Quaresma, 1941.
- GALVÃO, R. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & filhos. v. 9, t. 1 e 2.
- GARRAUX, A. L. *Bibliographie brésilienne: catalogue des ouvrages français et latins relatifs au Brésil (1500-1898)*. Paris: Libraire Ch. Chadenat/Jablonski, Vogt & Cie., 1898.
- O MUNDO DA LUA: folha ilustrada, lunática, hyperbólica e satyrica. Rio de Janeiro, ano 1, 1871.
- SODRÉ, N.W. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- Catálogos digitais: BN, BNPR, BNHD, BNP e BnF.

SIGLAS

- Apesp - Arquivo Público do Estado de São Paulo
IHGSP - Instituto Histórico Geográfico de São Paulo
BN- Biblioteca Nacional do Brasil
BNPR - Biblioteca Nacional Periódicos Raros
BNPR-SOR - Biblioteca Nacional Periódicos Raros - Microfilme
BNHD - Biblioteca Nacional Hemeroteca Digital
BD Unesp - Biblioteca Digital da UNESP
BNP - Biblioteca Nacional de Portugal
BnF - Bibliothèque Nationale de France
MHNRJ - Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro